

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
TECNOLÓGICO
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

IZABEL CRISTINA DURLI MENIN

**O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL:
HISTORIOGRAFIA, PRÁTICAS METODOLÓGICAS E MEMÓRIA COTIDIANA
NA ERA DAS MÍDIAS INTERATIVAS NO MUNICÍPIO DE VERANÓPOLIS**

CAXIAS DO SUL

2015

IZABEL CRISTINA DURLI MENIN

**O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL:
HISTORIOGRAFIA, PRÁTICAS METODOLÓGICAS E MEMÓRIA COTIDIANA
NA ERA DAS MÍDIAS INTERATIVAS NO MUNICÍPIO DE VERANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora Profa. Dra. Eliana Rela

CAXIAS DO SUL

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M545e Menin, Izabel Cristina Durli, 1972-

O ensino da história local : historiografia, práticas metodológicas e memória cotidiana na era das mídias interativas no município de Veranópolis / Izabel Cristina Durli Menin. – 2015.

107 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rela.

1. História - Veranópolis (RS). 2. História - Estudo e ensino. 3. Historiografia. 4. Mídia digital. I. Título.

CDU 2. ed.: 94(816.5VERANÓPOLIS)

Índice para o catálogo sistemático:

1. História - Veranópolis (RS)	94(816.5VERANÓPOLIS)
2. História - Estudo e ensino	37.016:94
3. Historiografia	930
4. Mídia digital	659.3

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730

**O Ensino da História Local: Historiografia, Práticas
Metodológicas e Memória Cotidiana na Era das Mídias
Interativas no Município de Veranópolis**

Izabel Cristina Durli Menin

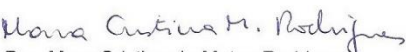
Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos, necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História; Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História

Caxias do Sul, 25 de setembro de 2015.

Banca Examinadora:


Dra. Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul


Dra. Eliana Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul


Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Eliana Rela

Pela oportunidade de vivenciar trocas tão ricas, por sua orientação segura, atenção, confiança e compromisso, que me ajudaram a crescer profissional e intelectualmente. Sua sensibilidade de dizer as palavras certas nos momentos mais apropriados, não apenas ajudou a dar rumo à pesquisa, mas também deu segurança para novas investidas no estudo. Obrigada de coração!

Aos meus pais, Gilda e Olivo

Ricos em sabedoria de vida, pessoas especiais que conduziram minha educação, e de meus irmãos, com humildade, ensinando-nos o quanto a vida deve ser valorizada e vivida com responsabilidade e honestidade. Amo vocês!

Ao meu esposo, Luiz Carlos

Pelo incentivo e pelo esforço em estar presente em todas as etapas desse processo, aprendendo a ter paciência e a conviver com as minhas ausências neste período tão diferente para nossas vidas, que parecia interminável. Obrigada por acreditar em mim sempre! Te amo!

Aos meus filhos, Thiago e Débora

Pela compreensão de conviverem com uma mãe sempre “mergulhada” nos livros, no computador, cansada, ansiosa e com pressa neste período. Vocês demonstraram paciência, pois sabiam que o mestrado era um sonho a ser conquistado. Vocês são a razão da minha vida!

As minhas irmãs, Edianes, Leda e Maria de Lourdes

Pelas palavras de incentivo, pelo companheirismo, pela compreensão na ausência nos encontros de família e no chimarrão do domingo.

À querida professora Doutora Eliana Gasparini Xerri

Pelas inúmeras caronas neste período e pelas sugestões tão pertinentes para este estudo. Obrigada por ser ótima profissional e amiga.

À querida professora Doutora Mara Cristina de Matos Rodrigues

Enquanto minha professora da Graduação em História, na UCS, foi a primeira a apontar-me a possibilidade de um futuro caminho para a busca de um Mestrado. Obrigada pelos ensinamentos em tua casa aos sábados, mesmo quando já não eras mais nossa professora. Obrigada por acreditar que eu seria capaz de conquistar este sonho. Sou muito grata a ti.

Aos professores do Programa do Mestrado Profissional em História

Pelas aprendizagens construídas e as ricas reflexões sobre o mundo que nos cerca.

Aos meus colegas de mestrado, em especial aos amigos Tobias e Cassiane

Pelos constantes diálogos e trocas de sugestões de leituras. Amigos especiais: meus irmãos de coração.

Ao meu grande amigo, Adrovane Marques Kade

Por me incentivar desde os primeiros estudos para o processo seletivo do Mestrado. Você tem lugar reservado e cultivado com muito carinho em minha vida.

À minha amiga e colega de escola, Néri Rigon Kasminski

Pelo apoio, amizade, força e compreensão em minhas ausências. Obrigada por ser *essa* mulher maravilhosa e solidária.

Às professoras da Rede Municipal de Ensino de Veranópolis

Por disponibilizarem seu tempo para responder ao questionário deste estudo.

Aos avós e às alunas do 2º e 3º ano do Curso Normal do Colégio Regina Coeli /2014

Por participarem com muita vontade no Projeto *Memórias compartilhadas, histórias dos avós*, idealizando com sucesso esta proposta, trazendo à tona memórias de histórias de vida que se tornaram referência para este estudo.

Agradeço a Deus

A Ele dedico a minha fé, por tudo e por todos. Muitas vezes, minhas forças pareciam se acabar e algo me colocava em pé para que eu continuasse meu caminho.

Àqueles que foram simplesmente “amigos” capazes de vibrar com meu sucesso ou dar força nos momentos de desânimo. “É com o coração que se vê corretamente – o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry).

Dedico este estudo a todos que fizeram parte de minha caminhada.

A gente tem tantas memórias. Eu fico pensando se o mais difícil no tempo que passa não será exatamente isso. O acúmulo de memórias, a montanha de lembranças que você vai juntando por dentro. De repente o presente, qualquer coisa presente. Uma rua, por exemplo. Há pouco, quando você passou [...] eu olhei e pensei, eu já morei ali [...]. E a rua não é mais a mesma, demoliram o edifício. As ruas vão mudando, os edifícios vão sendo destruídos. Mas continuam inteiros dentro de você.

Caio Fernando Abreu, em *Onde Andará Dulce Veiga?*

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as obras historiográficas do município de Veranópolis, bem como algumas fontes e sua potencialidade na metodologia aplicada ao ensino da história local. Para isso, foi feito um diagnóstico junto aos professores da Rede Municipal de Ensino, a partir da aplicação de questionário de cunho qualitativo e quantitativo, identificando se a história local é trabalhada e quais estratégias e os recursos metodológicos utilizados em sala de aula para cumprir esse intento. A análise realizada sobre as obras, bem como o resultado da pesquisa dos dados coletados, indicou um futuro caminho para propostas voltadas a um olhar sobre as ausências na historiografia atual, no ensino da história local e no fazer social da História. À experimentação do ensino da história local com a produção de fontes, utilizou-se do blog, uma mídia de comunicação, para o registro escrito das memórias individuais e coletivas presentes no espaço escolar e na comunidade. Essas memórias, individuais e coletivas, fazem parte da dinâmica da sala de aula, tornando-se vivas no contexto escolar, necessitando, portanto, de abordagens metodológicas que acompanhem a velocidade vertiginosa das mídias digitais para que possam explorar, assim, formas de sua inserção no ciberespaço. As escolas caracterizam-se como espaços privilegiados de construção de identidade e de memória coletiva. Assim, o objetivo é relatar as experiências obtidas, junto aos avós, por meio de um projeto desenvolvido com as alunas dos 2º e 3º anos do Curso Normal, do Colégio Regina Coeli de Veranópolis. O estudo desenvolveu-se sob a perspectiva de entrevistas orais com posterior registro do relato em blog. A escolha de um meio digital para o registro dos relatos orais se justifica pelo fato de existir a necessidade de inserir ferramentas tecnológicas nas atividades relacionadas ao ensino de História. A partir da análise do conteúdo do blog, que são as vozes silenciadas, buscou-se demonstrar o potencial que possuem as fontes produzidas no âmbito privado como fotografias, cartas, objetos pessoais de valor material e imaterial na construção identitária de um local.

Palavras-chave: História Local. Identidade. Memória. Mídia de Comunicação. Ensino de História.

ABSTRACT

The following study aims to analyze the historiographic works from the city of Veranópolis, as well as some research sources and their potentiality in the methodology applied to the teaching of the Local History. A research is made involving the teachers of Municipal Education System, by applying a qualitative and quantitative questionnaire in order to identify whether the Local History is worked at school and what strategies and methodological resources are used in the classroom. The analysis of the works, as well as the research result of the collected data presented a way forward for a proposition of further attention on the absence in the current historiography in the teaching and social making of Local History. The trial of Teaching Local History with the production of sources was through a blog, the communication media resource used to report the individual and collective memories present at school and in the community. These individual and collective memories are part of the classroom dynamic, becoming alive in the school context, requiring, therefore, methodological approaches to follow the unstoppable speed of digital media so that they can explore ways of participating in the cyberspace. Schools are characterized as privileged spaces to build identity and collective memory. Therefore, the objective is to report the experience gained with the grandparents, through a project developed with the students of the 2nd and 3rd grades of the Teaching Course of the School Regina Coeli, from Veranópolis. The study was developed from the perspective of oral interviews and their reports in a blog. The choice of a digital medium to record oral reports is justified by the fact that there is the need of integrating technological tools in activities related to the teaching of History. From the analysis of the blog content, which are silenced voices, it was aimed to demonstrate the potential that the sources produced in the private sector, such as, photographs, letters, personal objects with material and immaterial value have in the construction of the identity of a place.

Keywords: Local History. Identity. Memory. Communication Media. History Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estudo nos espaços de memória.....	45
Gráfico 2 – Pesquisa em fontes escritas e pessoais	47
Gráfico 3 – Tempo de atuação no magistério municipal.....	49
Gráfico 4 – Tempo de atuação no 4º ano do ensino fundamental	50
Gráfico 5 – Possibilidades de material didático digital	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diná Scussel e o objeto pessoal de sua juventude.	65
Figura 2: Chapéu de crochê conforme relato de Diná Scussel.	65
Figura 3: Diná (vestido <i>petit-pois</i>) passeando com as amigas em frente à escola, por volta de 1945.	69
Figura 4: Carnaval na antiga SOAL com o namorado e atual marido.	74
Figura 5: Passeio com o marido (<i>in memoriam</i>) quando namorados, em Cotiporã.	74
Figura 6: Fábrica de palhas Satélite da família Pessin.	80
Figura 7: Caminhão que carregava as palhas para São Paulo.	80
Figura 8: Carroça que fazia o transporte das palhas.	81
Figura 9: Funcionários da fábrica de palhas Satélite.	82
Figura 10: Funcionários da fábrica de palhas Satélite.	82
Figura 11: Pedreira pertencente à família Pessin.	83
Figura 12: Parreiral da família Pessin.	83
Figura 13: Plantação de pêssegos da família.	84
Figura 14: Criação de porcos da família.	84
Figura 15: Aluna Lizandra com sua avó.	87
Figura 16: Aluna Ana Paula e sua avó.	87

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZAÇÕES QUE ORIENTAM O ESTUDO SOBRE O TEMA PROPOSTO: UMA BREVE INTRODUÇÃO	13
2 HISTÓRIA LOCAL: LEITURAS SOBRE O TEMA E A REVISÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SEU ENSINO NO AMBIENTE ESCOLAR	17
3 NARRATIVAS DE VERANÓPOLIS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA LOCAL	34
3.1 Cenário do objeto em relação ao ensino da história local	39
3.2 Indicações para uma proposta provisória: história local e eixos temáticos para seu ensino	53
3.3 A memória cotidiana e o espaço da sala de aula: o fazer pedagógico no ensino da História na era das mídias digitais	56
3.4 Avós em experiências: entre a memória e o blog	60
4 FONTES POTENCIAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	70
4.1 O blog e as questões de gênero	72
4.2 O blog e a análise do cotidiano dos avós	74
4.3 O blog e a análise do trabalho e da família	78
4.4. O blog e as gerações: o encontro dos diferentes tempos	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA	101
APÊNDICE B: ENTREVISTA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE VERANÓPOLIS	102
APÊNDICE C: PRINT DO BLOG MEMÓRIAS COMPARTILHADAS, HISTÓRIAS DOS AVÓS	104
APÊNDICE D: COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS	105
APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	106

1 CONTEXTUALIZAÇÕES QUE ORIENTAM O ESTUDO SOBRE O TEMA PROPOSTO: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Reconheço o valor que pode ter a história local para esclarecer os pontos obscuros da história geral. [...] Reconheço mais na história local um valor pedagógico porque ela coloca a criança em presença de realidades.
(COUSINET apud SCHIMIDT, 2007, p.187).

Este estudo, o qual está vinculado à linha de pesquisa Linguagens e Cultura no Ensino da História, busca respostas diante das novas discussões em torno das produções acadêmicas sobre o tema *história local*. A pesquisa realizada tem cunho qualitativo, com abordagem metodológica bibliográfica. Trabalhar com o saber histórico em sala de aula proporciona um elo entre a pesquisa acadêmica e as novas possibilidades de metodologia na práxis pedagógica. Criar condições para que o aluno insira-se como sujeito histórico e sinta-se como parte do processo social é tarefa que compete aos educadores.

Minha caminhada na educação nasceu há 24 anos, quando concluí o Magistério, como ensino médio, no Colégio Regina Coeli. Ingressei como professora na rede pública de Veranópolis¹ há 21 anos. Desde a conclusão do ensino médio até a da graduação, em 2008, e a especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, na Universidade de Caxias do Sul, em 2010, atuei na educação infantil e na educação básica, lecionando para o 4º ano. Após a graduação, ingressei também na rede particular de ensino do município, no Colégio Regina Coeli, em Veranópolis, onde lecionei as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Didática da História e Geografia. Atualmente, estou como vice-diretora na Escola Municipal de Educação Infantil Irmã Carmelita.

Em minha caminhada, enquanto professora da Rede Municipal de Ensino, atuando no 4º ano do ensino fundamental, e como formadora de novos profissionais da educação, no curso Normal do Colégio Regina Coeli, muitos questionamentos sobre as práticas metodológicas tradicionais faziam-se presentes, principalmente em relação às práticas do ensino da história local. Possuímos, no município de Veranópolis, uma paisagem rica em leitura, como o patrimônio arquitetônico, que está aos poucos sendo esquecido e substituído pela construção de prédios. Existe também um acervo iconográfico riquíssimo e, além disso, a oportunidade de

¹ Veranópolis, berço nacional da maçã, denominada de Terra da Longevidade, está localizada a 170 quilômetros da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. De clima subtropical, a 705 metros de altitude, com uma população de 22.810 habitantes (Censo 2010) e uma área de 289,4 km², o município alcançou o 9º melhor Índice de Desenvolvimento Socioeconômico no Estado (índice de 0,788 em escala até 1,00), segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul. Data de criação: 15/01/1898 (Decreto nº 124-B) (VERANÓPOLIS, 2015).

estar trabalhando, junto aos alunos, a valorização dos relatos orais de familiares que têm a contar sobre a construção do cotidiano local.

Mesmo havendo uma disponibilidade de fontes, são pouco utilizadas, levando a uma prática de ação pedagógica tradicional. Da mesma forma, a metodologia voltada para a elaboração de conceitos apresenta-se de forma vaga e, muitas vezes, confusa. Isso tudo me levou a repensar a forma como é ministrado o ensino da história local no quarto ano. Frente a isso, minha questão problema é encontrar formas de inserir novos temas e potencializar o uso das fontes disponíveis no cotidiano dos alunos quando do estudo da história local, na educação básica do município de Veranópolis.

A partir dessa questão problema, proponho, inicialmente, analisar algumas fontes e suas potencialidades na metodologia aplicada ao ensino da história local. A metodologia para a análise consistirá na aplicação de questionário aos professores da rede municipal de ensino básico, precisamente os que lecionam ao 4º ano e, a partir dos dados obtidos, identificar as concepções construídas por esses docentes sobre a história local e as práticas metodológicas para seu ensino. As potencialidades existentes levam em conta uma abordagem com eixos temáticos² relacionados ao trabalho, à cultura, a lugares e à família, (readequando o olhar/oferecendo/ possibilitando uma proposta que elenque o uso de fontes para uma narrativa acerca da história de Veranópolis, que contemple pressupostos da história cultural, levando em conta as recordações humanas, as comemorações, os lugares de memória, as fotografias e as suas leituras de permanências e rupturas temporais.

No capítulo dois, é feita a conceituação de *história local* a partir das fundamentações teóricas que deram suporte à construção de sua importância no ambiente escolar. Também serão analisadas algumas partes do conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como as formas pelas quais conceitos como memória e identidade são entendidos e colocados em prática para a elaboração do conhecimento histórico.

Em seguida, no capítulo três, o estudo volta-se para as narrativas construídas durante os 117 anos de emancipação do município de Veranópolis. Esses textos servirão como forma de análise para as obras literárias, de cunho historiográfico, que são produções provenientes de

² Os conteúdos organizados por eixos temáticos são indicadores de uma série de temas selecionados de acordo com problemáticas gerais cujos princípios, estabelecidos e limitados pelo público escolar ao qual se destina o conteúdo, são norteados por pressupostos pedagógicos. [...]. Os eixos temáticos não devem servir para limitar o conteúdo, mas sim para estabelecer e ordenar outros temas (ou subtemas) que precisam ser abrangentes tanto no tempo quanto no espaço. Os conteúdos, desse modo, decorrem do eixo temático com flexibilidade para as diferentes situações escolares, sendo garantido, nesse processo, o domínio dos conceitos fundamentais a ser estudados (BITTENCOURT, 2004, p.126-127).

projetos ligados ao centenário e às raízes dos colonizadores desde a época de Alfredo Chaves até idos dos anos de 1990, quando o marco do centenário foi elevado com as comemorações e o registro de testemunhos dos descendentes das primeiras famílias de imigrantes que aqui se estabeleceram.

Busquei, junto aos professores, saber se, e de que formas, as fontes que possuímos no município estão sendo exploradas. Para tal, foi elaborado um questionário sob perspectivas metodológicas qualitativa e quantitativa, sendo aplicado aos professores da rede municipal de ensino do município de Veranópolis. Quatorze pessoas responderam ao questionário, os professores atuantes no 4º ano das séries iniciais, e no 6º ao 9º ano das séries finais da rede municipal de ensino. Esse instrumento foi estruturado em dois blocos: o primeiro com perguntas direcionadas às práticas de ensino e ao entendimento dos professores em relação ao ensino da história local; o segundo direcionou-se às metodologias utilizadas para esse ensino, em especial.

Com as respostas dadas ao questionário, estruturei o resultado em percentuais, demonstrado em gráficos. Esses dados possibilitaram a visualização da metodologia utilizada ao ensino de História, aplicada pelos professores. Ao mesmo tempo, ofereceu indicadores para o desenvolvimento de uma metodologia que pudesse fornecer subsídios para a construção de um ensino de História no qual a memória cotidiana e as representações identitárias dos sujeitos locais pudessem ser valorizadas.

Levantei a possibilidade de indicações de uma proposta provisória de ensino de História e eixos temáticos para seu ensino. Esses eixos surgiram a partir da análise das narrativas em consonância com pressupostos de ensino que os PCNs trazem como proposta concreta de estudos do cotidiano local. Assim, emergem os seguintes desdobramentos temáticos: trabalho, família, cultura e lugares. Como metodologia de aplicação, as indicações voltaram-se ao desenvolvimento de um material de mídia com o objetivo de alfabetizar o olhar do aluno para as permanências e discontinuidades do espaço social no qual se insere.

Apresentei uma abordagem da memória cotidiana individual e coletiva. O fazer pedagógico na era das mídias digitais deu-se por intermédio do desenvolvimento do blog *Histórias compartilhadas, memórias dos avós*. Esse projeto nasceu junto às alunas do 2º e 3º anos do Curso Normal, do Colégio Regina Coeli, como proposta para a construção de um estudo da história local, abordando temas relacionados às vivências dos avós das alunas, tais como: infância e juventude; educação e trabalho; casamento e namoro. A coleta dos relatos familiares deu-se por meio de entrevistas orais de avó e avô para neta, sendo seu registro escrito feito no blog, com a utilização também de fonte iconográfica.

No capítulo quatro, a partir dos relatos individuais dos avós, busquei uma análise voltada às várias vertentes temáticas que a diversidade das narrativas do blog proporcionou: as experiências dos avós e a construção das memórias, as questões ligadas ao gênero e suas representações sociais, as transformações e as permanências no mundo do trabalho, nos costumes familiares e sociais, bem como as edificações que ainda permanecem na paisagem urbana do cotidiano local.

Dessa forma, as entrevistas levaram ao registro compartilhado no blog, socializando com a comunidade, a história cultural vivenciada pelas mulheres e pelos homens construtores do tempo histórico das comunidades de Veranópolis. Tais relatos trouxeram informações sobre acontecimentos da história individual ligados a lugares da cidade.

Como desdobrar esse estudo, a fim de abordar as permanências e as mudanças ocorridas na história local? Como auxiliar os jovens alunos a perceberem os fragmentos do tempo que povoam as memórias dos familiares? Como ajudar os alunos quando da identificação da fala de uma depoente que salienta: “Íamos na ‘Joalheria Sebben’”; “Fica próximo à ‘Joalheria Sebben’”, quando esse espaço, como comércio, já não existe mais, mas o imóvel ainda se faz presente na cidade?

Assim, no capítulo cinco, apresento o encaminhamento do processo de tal aprendizagem, momento em que surgiu outra fonte na perspectiva da história cultural: antigos anúncios comerciais ricos em informações como endereço, tipologia de produtos, linguagem contextualizada e fotografias. No cordão de ouro da memória, a história local se faz presente a todo momento. O uso de uma fonte, por exemplo, memória oral, possibilita investigar, mais a fundo, detalhes, particularidades, utilizando outras fontes que ora complementam informações, ora formulam novas perguntas.

Retomando a problemática apresentada, em breves palavras, o estudo versará sobre a análise historiográfica existente para que se viabilizem as possibilidades de estratégias para o ensino da história local, as quais relacionam o uso de fontes potenciais para pesquisa histórica, à escolha de temas silenciados pela História e distantes dos saberes escolares até pouco tempo com a interação possibilitada pelos suportes da cultura digital. Visto que os saberes escolares estão imersos em memórias, individuais e coletivas, as quais fazem parte da dinâmica da sala de aula, tornando-se vivas no contexto escolar, necessita-se, portanto, de abordagens metodológicas que acompanhem a velocidade vertiginosa das mídias digitais para que possam explorar, assim, formas de sua inserção no ciberespaço.

2 HISTÓRIA LOCAL: LEITURAS SOBRE O TEMA E A REVISÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SEU ENSINO NO AMBIENTE ESCOLAR

O objetivo deste capítulo é apresentar a fundamentação teórica que acompanhará o presente estudo em sua problemática. Oportunizar à sociedade o acesso às fontes que podem propiciar a formação do conhecimento é a base para que o indivíduo possa entender e transformar o espaço onde atua. Para o ensino de História, a interpretação historiográfica do passado remete a descobertas sobre as principais questões norteadoras da interpretação do mundo. O diálogo entre o ensino da História e a produção acadêmico-científica redimensiona a área social da disciplina de História e, com isso, possibilita ao educando novas formas de olhar o contexto social no qual está inserido, reelaborando conceitos que servirão de base para sua formação como sujeito autônomo e crítico em suas vivências cotidianas. Assim, a utilidade social da produção e ensino da História:

É construir o passado, dotando uma sociedade de uma visão do tempo que vá além daquilo que se define e se pensa como presente. A história serve para que possamos realizar no plano do conhecimento, do pensamento, do imaginário, da memória, aquilo que não podemos fazer no plano da realidade da empiria: sair do presente, ausentarmos dessa temporalidade que nos cerca, olhar este tempo de fora e ter com ele uma relação de distanciamento, de estranhamento, ter, dele, uma visão perspectiva (JÚNIOR, 2012, p.30).

A História tem a função de desnaturalizar o tempo presente, diferenciando-o do passado e futuro, mas, ao mesmo tempo, tornar perceptível como essas temporalidades encontram-se, como se emaranham. O sujeito deve perceber-se um ser que faz parte de um processo de rupturas e permanências, continuidade e descontinuidades, pois “o ensino e a escrita da História implicam sempre a tomada de posição política e a defesa de valores, mesmo quando não se está atento para esses aspectos” (JÚNIOR, 2012, p.32-33).

A História e seu ensino, hoje, tem a função de levar os alunos a construir sentido a textos narrados, refletindo e possibilitando a construção de uma narrativa para ligar fatos, aprender a criar sentido para ações humanizadoras. Segundo Chartier (2010), a História é uma representação narrativa, cujo texto/discurso não constitui diretamente uma prática social, mas sim sua representação. Dessa forma, a realidade não pode ser somente reduzida a textos, pois tomamos conhecimento das práticas sociais por meio de suas representações. Podemos dizer que o discurso é apenas uma das etapas para a construção do passado e, nesse sentido, “a

totalidade das linguagens e das ações simbólicas próprias de uma comunidade constitui sua cultura” (CHARTIER, 2010, p.35).

A escrita histórica é construída a partir de um lugar de onde o historiador exerce suas atividades. Para tanto, “antes de saber o que a História diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela” (CERTEAU, 1975, p.78, apud CHARTIER, 2010, p.17). As fronteiras que regem a instituição histórica organizam-se a partir de convenções e de hierarquizações de objetos históricos considerados legítimos e os que não o são, sendo, dessa forma, excluídos ou censurados.

Os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história (CHARTIER, 2010, p.21).

As fundamentações do conhecimento histórico, segundo Chartier (2010), dão-se a partir de três elementos: o lugar social, a prática científica – organização da História relativa a um lugar e seu tempo – e a escrita. Assim, a história cultural tem como objetivo o pensar as articulações entre os discursos e as práticas cotidianas.

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam - de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer, fazer. [...] essa noção [a de representação] permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais (CHARTIER, 2010, p.49).

O interesse pela história local nasceu de uma preocupação que não é nova aos olhos dos pesquisadores, visto que, durante todo o século XX, ela se apresentou como um latente objeto de pesquisa histórica. Ao trabalhar com questões relacionadas à história local, tomam-se como base os estudos dos pesquisadores brasileiros, tais como Márcia Almeida Gonçalves (2007), Maria Auxiliadora Schimidt (2007) e Helenice Ciampi (2007), que possuem uma literatura produzida no campo da educação e no ensino da história local.

A história local foi tomada como um dos eixos temáticos dos conteúdos de todas as séries da escola básica. [...] A história local foi valorizada também como estudo do meio, ou seja, como recurso pedagógico privilegiado (...) que possibilita aos

estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte (SCHMIDT, 2007, p.189).

Percebemos a necessidade de colocar o aluno em contato com o mundo em que está inserido, passando do estado de sujeito passivo para ativo na sociedade, despertando seu olhar crítico. Conforme Rüsen (2011), o pensamento histórico acontece no processo temporal da vida humana. A mobilização da consciência histórica faz parte da necessidade de dar significado às passagens do tempo vivenciadas pelo homem, das quais não temos controle, e isso é uma dinâmica constante a ser trabalhada em sala de aula com nossos alunos. Na visão de Chartier, “[...] a leitura das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo, continua sendo a tarefa singular dos historiadores e sua responsabilidade principal para com seus contemporâneos” (2010, p.68).

A construção da narrativa acerca da história local remete-nos, primeiramente, ao entendimento da conceituação de “lugar”. Segundo Hall, “O ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades são estritamente ligadas” (2006, p.72). Ampliando o campo de definições, Bourdin descreve o local como “um espaço de delimitações múltiplas e contingentes. A vizinhança, o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referência relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente” (2001, p.13). Corroborando a essa ideia, Santos (2006) conceitua o espaço local como sendo um ambiente que apresenta:

Um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam (SANTOS, 2006, p.38).

Perante as modificações do lugar em que estamos inseridos, cabe à pesquisa sobre história local a importância de aguçar o olhar frente às transformações que o processo de globalização³ vem sofrendo. Diante disso, a pluralidade de identidades, a construção da

³ Bittencourt utiliza-se do entendimento de Milton Santos (1991) ao analisar que o atual processo de globalização pressupõe as relações de cada lugar com a expansão das multinacionais, com a nova forma de organização do Estado e com a organização social. A história do “lugar” como objeto de estudo ganha, necessariamente, contornos temporais e espaciais [...] é preciso identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros “lugares” (2004, p.172).

consciência histórica e a memória – individual e coletiva – são discussões imprescindíveis para a compreensão das especificidades de um local. Como sustentação teórica para alicerçar os estudos para esses conceitos, busquei base em escritos de Paul Ricoeur (2007), Michel Pollak (1992), Zigmunt Bauman (2005) e Jaques Le Goff (2013).

Sabemos que é importante e indispensável que o estudo da construção da consciência histórica e da memória tenha seus marcos de referência relacionados e identitários, entre o local, o nacional e o mundial.

Para Ricoeur:

É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. Assim retrocedo rumo à minha infância, com o sentimento de que as coisas se passaram numa outra época. É essa alteridade que, por sua vez, servirá de ancoragem à diferenciação dos lapsos do tempo à qual a história procede na base do tempo cronológico (2007, p.108).

As lembranças nascem dos fatos vividos em comum visto que a memória individual é construída a partir de experiências únicas de se pertencer a um determinado grupo, assim, é na troca de experiências, que a memória “do eu”⁴ toma consciência de si mesma. Conforme Pollak (1992, p.2), “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Nesse sentido, Ricoeur (2007) fala que a consciência do pertencimento do eu a um grupo coletivo deriva do sentimento de pertencer simultaneamente a vários meios, sendo que essa consciência existe no presente.

Ao referir-se ao sentimento de pertencimento a um lugar ou grupo e a construção identitária de um sujeito, Bauman diz que:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (2005, p.17).

Trabalhar com a construção desse conhecimento possibilita a articulação das interpretações do tempo e do espaço, da elaboração de ações que possam ser aplicadas no cotidiano. “Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. A sala de aula da

⁴ O “eu” aqui refere-se como ser humano enquanto consciência única de si mesmo.

escola é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamento de pontos de vista da memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares.” (RICOEUR, 2007, p.131).

Dessa forma, uma história local entrelaça-se com a global no momento em que se consegue estabelecer a articulação das histórias de vida, no local, no bairro, na escola, onde o aluno assume seu papel de sujeito que também faz parte desta história. À medida que os acontecimentos retrocedem no tempo, perdem algo de sua especificidade. Eles são elaborados, normalmente, de forma inconsciente, e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias, sob custo, porém, de sua distorção (BURKE, 2008, p.89).

Em seus estudos, Le Goff (2013) acrescenta que a memória coletiva representa, acima de tudo, um instrumento de poder social; logo, as sociedades que possuem uma memória construída coletivamente, pela oralidade ou pela tradição escrita, apresentam uma compreensão maior do que vem a ser essa dominação pela recordação e tradição, manifestações essas da memória.

Nesse sentido, para Burke (2008, p.38), a Nova História Cultural nasceu “com preocupação em reagir às deficiências de abordagens anteriores, onde pessoas comuns eram ausentes nas narrativas, e possibilitar o estudo das culturas sem falsas suposições de unidade e homogeneidade cultural”. Assim, segundo uma “visão antropológica, essa nova alternativa possibilitou um olhar ao telescópio, para que as experiências concretas, individuais ou locais reingressassem na história” (BURKE, 2008, p.61).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) têm atribuído uma importância significativa ao ensino da história local e suas relações com a construção do conhecimento científico, dando enfoque às diferentes histórias que compõe o local, dimensionadas em diferentes tempos, onde,

Prevalecem estudos comparativos, distinguindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, modalidades de trabalho, divisão de tarefas, organizações do grupo familiar e formas de relacionamento com a natureza. A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. (PCN, 1997, p.40).

O aluno é incentivado a refletir sobre suas ações com as diferentes realidades com as quais convive, levando-o, de forma autônoma, à construção de uma identidade e de uma memória social.

Entre os conceitos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os que se fazem com maior pertinência ao ensino da História são os que estão relacionados à construção da memória e da identidade individual e social dos sujeitos históricos:

Como se trata de estudos sobre a história local, as informações propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio; fotografias e gravuras; observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros (PCN, 1997, p.40).

Dessa forma, ressalta-se a importância de se observar atentamente a abrangência do ensino da História em alguns aspectos fundamentais, como a capacidade de incluir, nas propostas metodológicas de ensino, ações que venham a desenvolver no aluno as capacidades de estabelecer relações identitárias entre o particular e o geral, e seu papel na localidade e cultura, no país e no mundo.

O saber e a construção da prática do ensino da História nas séries iniciais necessitam ser pautados na ideia de que o campo da produção do conhecimento histórico não é um produto acabado ou uma verdade única, está em constante construção/transformação. Para construí-lo, o historiador pode utilizar-se das mais variadas fontes. O trabalho com a história local permite trabalhar com fontes que pertençam ao cotidiano, o qual pode ser um instrumento de análise plural, levando em conta as particularidades, sem cair na homogeneização que silencia as características de um lugar.

Assim, conduzir as diferentes narrativas e suas construções requer um trabalho que tenha um olhar atento às diferentes identidades e memórias contidas em um espaço escolar. As articulações existentes entre as práticas culturais que constituem a construção da memória coletiva, e sua representação no espaço social, necessitam de um olhar de observação sobre o vivido que resultou na narrativa de uma história local. Assim, torna-se imprescindível a sensibilidade analítica às modificações nos dispositivos das representações da cultura escrita, do papel à imagem, da oralidade à internet, dos livros aos meios digitais.

Os três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de poder ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados. [...] Assim se estabelece uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito à interpretação do historiador. (CHARTIER, 2010, p.60-61).

Observamos que há a necessidade de um corpo docente disposto a formar alunos pensantes, autônomos e comprometidos com a sociedade em que atuam, por isso, o recurso tecnológico torna-se mais uma ferramenta para o processo de aprendizagem da História, além do livro didático. Assim, como forma de trabalhar a história local com o uso das tecnologias digitais, em seus aspectos instrumentais, serão utilizados os conceitos de *ciberespaço*, *cibercultura* e *cibercidadania*, apoiados na teoria de Pierre Lévy (1999).

O termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.17).

Lévy (1999) aborda a importância de o professor deixar de exercer o papel centralizador do conhecimento construído historicamente e tornar-se um incentivador da inteligência coletiva. Com esse pensamento, o autor coloca em xeque a organização do sistema educacional com o qual estamos habituados, bem como com o papel do professor e suas metodologias de trabalho.

Para Rela (2011), o uso de recursos tecnológicos na educação passa a ser necessário para a prática pedagógica diferenciada no mundo contemporâneo, que tem por objetivo a apropriação do conhecimento. Ainda, segundo a autora, os equipamentos e as técnicas computacionais oferecem a oportunidade de mudança da prática tradicional em sala de aula.

Dessa forma, a partir da tecnologia digital, o aluno tem a possibilidade de buscar novos significados nos temas estudados. Essa prática vem a enriquecer o processo de aprendizagem da História, referenciando, inclusive, as subjetividades até então produzidas sem o contato com os elementos e informações, os quais passarão a fazer parte da vida dessas pessoas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o saber histórico produzido pelos historiadores, a partir de suas pesquisas no campo das Ciências Humanas, deve servir como fonte de estudo para o saber histórico escolar, proporcionando a reelaboração desse conteúdo para o fazer pedagógico em sala de aula. Ao estabelecer essa relação, o ensino da História em sala de aula deve compreender a delimitação, em sua prática, de três conceitos fundamentais: o fato histórico, o tempo histórico e o sujeito histórico.

O estudo e a organização curricular referentes ao ensino da história local têm como suporte legal os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997). A divisão desse documento é

feita em duas partes: na primeira, há características, princípios, conceitos e algumas concepções curriculares para o ensino de História, além de objetivos gerais, critérios de seleção e organização de conteúdos por área.

Tendo em vista uma abordagem no que se refere a orientações quanto às práticas em sala de aula, a segunda parte dos Parâmetros Curriculares é composta por propostas de aprendizagem para o primeiro e o segundo segmentos do ensino fundamental, que são divididas em quatro ciclos, com objetivos, sugestão de critérios de avaliação e orientações didáticas para a prática da pesquisa escolar, para o uso de variados materiais didáticos e documentos, além de sugestões para atividades extraclases.

É consabido que o ensino da História exerce um papel fundamental nas reflexões sobre as relações do homem com a natureza, as relações com o próprio homem, as diferenças de cultura, de etnia, de religião, de gênero, de economia e de política. Diante disso, a tarefa primeira da disciplina de História é proporcionar subsídios necessários para que o aluno possa desenvolver um senso de identidade que estimule o respeito e a convivência com o outro: pessoas, nações e culturas diferentes. Tendo presente a importância que o trabalho com a história local exerce na aquisição desses subsídios, a disciplina de História torna-se mais acessível às crianças e aos adolescentes do ensino fundamental.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais como Eixo Temático para o Primeiro Ciclo, estão a história local e a do cotidiano. Assim, “os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço” (PCN, 1997, p.40).

Gonçalves (2007, p.176) define a “história local como campo de produção de uma consciência histórica, cujos usos, valores e sentidos nos interessam diagnosticar.” Na escrita da história local, o trabalho do historiador pode ser visto como uma forma de cartografia social. Esse trabalho faz-se analisando o social, visto como um espaço de fronteiras móveis, onde os agentes históricos vivenciam suas experiências: “[...] o local é um lugar de sociabilidades marcado pela proximidade e pela continuidade das relações entre sujeitos que as estabelecem [...] em muito tenha sido articulado ao conceito de comunidade”. Quando se estuda a história local, o aluno dimensiona seu conhecimento, relacionando o espaço que se encontra com o global, podendo se perceber como sujeito dentro dos processos sociais (GONÇALVES, 2007, p.177).

Ao se estabelecer um diálogo entre o conhecimento acadêmico e o ensino de História, sinaliza-se que é possível desenvolver trabalhos que venham favorecer a autonomia e a aprendizagem do educando para um aprender voltado ao seu contexto social.

Recuperar as cidades do passado implica de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos no contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além da instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou ao longo do tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história (PESAVENTO, 2004, p.11).

Uma compreensão do espaço no qual se insere é condição primeira para que o sujeito relacione-se com o mundo, sentindo-se parte dele. Então, é olhar para a história local como um meio de produção para análise histórica, um campo que parte da valorização do ser e agir desses sujeitos, agentes de produção histórica. Portanto,

As análises sobre história local permitem redimensionar a aparente dicotomia entre centro/periferia, deslocando tais categorias por intermédio da nossa rede e os jogos de negociação, apropriação e circulação que informam as relações entre grupos e indivíduos, em especial, no campo das micropolíticas do cotidiano, espaços marcados pela proximidade pela contiguidade das relações (GONÇALVES, 2007, p.181).

A construção historiográfica refere-se a um processo de pertencimento, em que são levados em conta não somente elementos da cultura material, mas também da cultura imaterial⁵, do invisível, presentes ao longo da construção da memória dessa localidade, ou seja, as tradições, as vivências coletivas e individuais, que deram identidade a esse local e que foram responsáveis pelas transformações ocorridas ao longo do tempo nesse espaço. Transformações

⁵As fontes materiais não escritas referem-se a uma vasta gama de objetos, utensílios, ferramentas, armas, roupas, máquinas, veículos, instrumentos, construções, pinturas, esculturas, espaços artificiais e naturais, fenômenos naturais, o corpo humano, animais, plantas, alimentos, etc. A importância dada às fontes não-materiais tornou-se mais significativa com o movimento da “nova história” (*nouvelle histoire*) surgido na França, na Escola dos Annales nos anos 1970, influenciada também pela micro-história dos italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi e os trabalhos do filósofo e historiador Michel Foucault e, posteriormente, nos anos 1980 com a nova história cultural. Define-se *fonte não-material* como aquilo que não é tangível, que não está registrado em um suporte físico (papel, madeira, pedra, argila, meio digital), mas que se transmite por intermédio da cultura de forma oral, corporal e simbólica. Festas, ritos, cultos, celebrações, música (aqui no sentido de melodia), dança, teatro, ofícios, história oral, costumes, hábitos, lendas, saberes, folclore, mitologia. Tudo que esteja relacionado à vida cotidiana de uma comunidade, de uma sociedade, que represente aspectos sociais e culturais de um povo (BURKE, 2008).

que ocorreram com o passar do tempo, com enfrentamento, procurando manter vivas as permanências, mesmo com as mudanças.

A busca da temporalidade escoada implica no acionar de uma vontade e mesmo de um aprendizado, que só podem ser despertados pela ativação de um olhar sensível e por um processo que implica ensinar a pensar [...] capazes de criar este olhar especial, que possibilita ver além daquilo que é dado ver. [...] Todo traço do passado possui em si uma sucessão de temporalidades objetivas acumuladas, ou seja, as marcas da passagem dos anos e do seu uso e consumo pelos atores sociais que percorreram este espaço. [...] importa também atingir as temporalidades subjetivas que este espaço urbano contém, dado pela experiência do vivido, pelos sentidos conferidos a este espaço, tornando-o qualificado, como um lugar no tempo. [...] A busca deliberada do tempo das cidades implica, sobretudo, como se assinalou, em uma educação dos sentidos, em um despertar das sensibilidades para a leitura do passado (PESAVENTO, 2004, p.12-13).

Assim, deve-se analisar e estudar as fontes como representações particulares desses momentos da realidade analisada e não tomá-las como espelho fiel dessa mesma realidade. Na concepção de Menezes e Silva (2007, p. 222), “a paisagem natural, os equipamentos urbanos de valor histórico e de valor significativo para a comunidade, os equipamentos simbólicos de valor efetivo, as personalidades de cada local e seus guardiães de memória”.

O trabalho com a História Local no ensino pode ser um instrumento idôneo [...]. Esse trabalho pode também facilitar a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Ela favorece recuperar a vivência pessoal e coletiva dos alunos e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento (OSSANA, 1994 apud SCHMIDT, 2007, p.191).

Não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões sucedem-se, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca (HALLBAWCHS, 2000, p.143). Para esse autor, as lembranças são sempre coletivas, e mesmo estando materialmente só, o indivíduo carrega consigo recordações de estruturas simbólicas construídas como referenciais culturais de um grupo social.

É preciso reeducar o olhar para uma análise em busca de rostos em fotos; das permanências físicas e estruturais nos lugares de memórias; das modificações do tempo nos caminhos que constroem o cotidiano do ambiente urbano; dos espaços de socialização; dos ambientes de comércio onde se estrutura a vida política e financeira de um município.

A história local permite que o aluno entre em contato com diferentes fontes de pesquisa, como material iconográfico, arquivo local, patrimônio e imprensa local, acervo de documentação familiar, velhas fotos, álbuns de famílias, cartas, correspondências manuscritas e cartões postais, que são fontes valiosíssimas nessa reconstrução histórica (RÜSEN, 1992 apud SCHMIDT, 2007), por isso os lugares do cotidiano são tomados como espaços de memória e servem como fonte, como documento.

É urgente que o professor conscientize seus alunos de que não se sobrevive botando abaixo tudo o que se construiu ao longo de décadas, de séculos. Não podemos continuar perdendo tesouros, apagando a memória, interrompendo processos; para tanto, alfabetizar o olhar do aluno é fundamental nessa empreitada. Olhar e ver. Ver e perceber os “rastros” do passado. Perceber e sentir a força do tempo, teimando em querer ficar, dá ao aluno a verdadeira dimensão das permanências (MENEZES; SILVA, 2007, p.221).

A prática pedagógica deverá promover no aluno a habilidade de relacionar a construção dos conceitos com seu fazer cotidiano, permitindo, dessa forma, que ele estabeleça relações e perceba que pedaços de sua história cotidiana ajudam a compor a história local, que se insere em um contexto maior, o global. [...] na história local e cotidiana estão à circunstância da História. “O que permite resgatá-las como História é a junção dos fragmentos das circunstâncias, ‘quando a circunstância ganha sentido, o sentido que lhe dá a História. A história local não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes” (MARTINS, 1992 apud CIAMPI, 2007, p.206).

Dessa forma, a reconstrução de uma história local pode ser concebida a partir do olhar sobre os diferentes agentes que dela fazem parte, com uma metodologia voltada para análise das mais variadas fontes, sejam elas orais sejam escritas, que visem a auxiliar uma reconstrução pautada numa dialética: ação-reflexão-ação. O desafio do professor que ministra História deve ser o de promover atividades que visem à reflexão das múltiplas “identidades” assumidas pelos indivíduos-alunos, nos diversos grupos que participam: familiar, escolar, de lazer, assim como as articulações desses grupos com a sociedade em que se encontram inseridos: em nível local, nacional e mundial (MENEZES; SILVA, 2007, p.219).

Que relação, então, pode ser estabelecida entre a memória e a construção de uma identidade cultural? Em um mundo globalizado, onde as mudanças acontecem em ritmo cada vez mais acelerado e as distâncias são mais curtas, despertar o sentimento de pertença a um local, de ter uma identidade articulada com espaços de memória, é primordial para o desenvolvimento dos estudos do conhecimento histórico em todos os níveis de ensino, para a

construção de caminhos que levem a um esquadramento das identidades sociais; logo, a memória e a identidade são fatores que, em conjunto, têm por finalidade gerar unidade, organização, sentido histórico. A possibilidade de construir uma reflexão com base nesses conceitos oportuniza a compreensão de como os sujeitos relacionam-se entre si, e como estabelecem as relações com o grupo social.

Assim, o trabalho com a memória pode possibilitar que os alunos relacionem a fisionomia da localidade e da cidade em que vivem, suas próprias histórias de vida, suas experiências sociais e suas lutas cotidianas, bem como experiências sociais e cotidianas de outras espécies (MENEZES; SILVA, 2007, p.220).

Tecendo uma rede de relações em um universo plural, constroem-se significados. Assim, leva-se em conta a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, produzindo, dessa forma, significado para suas ações. Isso constitui uma compreensão de como se entrelaça sua história em relação à dos demais e de como é construída sua historicidade, percebem-se os agentes externos a ele: próximo-distante; pessoais-estruturais; temporais-espaciais. É nessa dinâmica que se consegue despertar no sujeito sua consciência de cidadão ativo no contexto em que está inserido.

Nessa relação com o local e com tudo que cerca o sujeito histórico é que se estabelece o sentimento de pertença, de se sentir parte do todo. Muito falamos até aqui de memória e de lugares de memória, porém, é de conhecimento que a memória é um fenômeno construído e que os modos de construí-la podem ser tanto de forma consciente, quanto inconscientemente. O que a memória seleciona, ao longo do tempo, é um trabalho de organização que se constitui com sentimento, de forma individual ou coletiva. Conforme Pollak,

[...] a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de uma memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (...) Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também, percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

Tomar conhecimento da historiografia local auxilia na construção da memória e do sentimento de pertencimento e de coletividade. Acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos vividos pelo grupo ao qual o indivíduo se sente pertencer são mantidos na memória das pessoas, mesmo sem elas terem participado disso, mesmo com personagens que

não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa, como, por exemplo, lembranças da infância. Na memória pública, essas lembranças remetem a lugares de comemoração, como, por exemplo, monumentos.

Embora haja, muitas vezes como regra, a ideia de que memória e história são iguais, é importante salientar que se diferenciam entre si. Mesmo considerando que, em alguns momentos, a própria historiografia use recursos da memória individual e coletiva, estando em constante interação, elas possuem características distintas. Para Nora (1993, p.9), “a memória emerge de um grupo que ela une [...] há tantas memórias quantos grupos existem; que ela por natureza é múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal”.

Quando se remetem às significações acerca do conceito propriamente dito de memória, a pergunta é bastante complexa. Afinal, o que é memória? No campo biológico, memória é a faculdade de lembrar⁶ ou recordar. Em uma designação mais habitual, a memória exerce, sim, essa função. Memoram-se fatos que representam um passado recente ou longínquo, que são selecionados com o passar do tempo; contudo, as problematizações existem. Quando se entra no campo do saber histórico, há questionamentos sobre quais as significações da memória diante da construção historiográfica.

Parte-se, então, para a conceituação de Pollak (1992, p.2), na qual “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Existem realmente constantes transformações, a sociedade sofre mudanças diárias, e, como ela, a memória não fica estanque, os registros internos mudam com o passar do tempo. Essas mudanças aplicam-se também às operacionalizações da memória, como atividade mental de atualização de vestígios. Enquanto pesquisadores das Ciências Humanas, o olhar necessita ser disciplinado para essa mudança; logo, se estamos em um mundo com contornos fluidos e em constantes transformações, de que forma efetiva-se a construção da consciência histórica em uma sociedade em movimento? E de que forma está acontecendo a aplicação do saber histórico nas diferentes esferas sociais, a partir da prática pedagógica que a efetiva no cotidiano?

O século XX viu germinar transformações consideráveis no campo do saber histórico. Ao longo do tempo, a produção do conhecimento foi criando laços inseparáveis com o mercado

⁶ Segundo Ricoeur, é no ato pessoal da recordação que encontramos a marca do social e as lembranças são aquelas que nos dão a oportunidade de recolocar o pensamento em tal ou tal grupo (2007, p.131 e 133).

editorial em nível de consumo do conhecimento da História. Segundo Cerri (2011), o saber histórico, que nasce das instituições universitárias, é destinado à divulgação da produção do conhecimento histórico para uma camada da população não especializada, ou seja, um modelo educacional em que o sujeito “cheio” de conhecimento enche o sujeito “vazio”, o qual reproduz o saber do mestre.

Sabe-se que, embora muito se tenha evoluído em relação a metodologias que busquem desenvolver no aluno a capacidade de pensar sobre o contexto que o cerca e de interpretar e reinterpretar sua leitura de mundo, o que se tem hoje ainda em prática é um modelo didático muito vertical. Nos discursos ligados à produção do saber histórico, em sala de aula, fala-se muito em formas e métodos que possibilitem ao aluno o desenvolvimento de uma consciência histórica e a aplicação social do saber histórico; porém, considera-se, também, que os educadores são os sujeitos que produzem e divulgam o conhecimento histórico.

Atua-se dinamicamente nos campos da teoria da História e da Didática e, na prática, em sala de aula, são realizadas estas perguntas que Cerri (2011, p.21) aborda com premência: “O passado (ou a nossa imagem do passado) é estável ou modifica-se conforme a utilização que fazemos dele?”; “Qual a relação entre o tempo e a imagem que temos de nós mesmos?”; “Quando se mexe no passado se mexe também na identidade coletiva?”; “Quanto haverá, então, de passado em nosso presente e em nosso futuro?”. Se somente for utilizado em nossa prática o discurso de desenvolvimento da consciência histórica como um processo fechado em si mesmo, não serão atingidos os objetivos que a educação histórica escolar demanda.

Ao vislumbrar as possibilidades de se desenvolver a formação do cidadão em nosso tempo, antes de tudo, faz-se necessária a compreensão desses conceitos, e as formas para atuar como mediadores de sua compreensão em sala de aula, bem como as contribuições que a ciência histórica pode dar na inserção desse aluno consciente da sua historicidade, da historicidade de sua comunidade e da importância da manutenção de sua permanência no tempo. Dessa forma, “[...] entendemos por consciência histórica o privilégio do homem moderno de ter plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de toda opinião” (GADAMER, 1998 apud CERRI, 2001, p.24). Somente conhecendo sua história, o homem saberá a importância de sua inserção do meio social.

Para Cerri (2011, p.28), “Consciência histórica pode ser entendida como uma característica constante dos grupos humanos, por maiores que sejam suas diferenças culturais.” Quando se aborda a questão das diferenças culturais, torna-se imprescindível ter presente que, em nosso mundo moderno, a diversidade cultural é muito complexa, nada mais é estanque,

Vivemos constantemente com a permeabilidade das mudanças na identidade de um local, isso é muito presente; mas, na maior parte das narrativas construídas ao longo dos anos, há uma escrita voltada à manutenção de uma tradição inventada⁷. Acrescentando à ideia, Laville (1999, p.132) afirma que “cada comunidade quer ver a sua própria história contada.” E, no que tange à construção das narrativas e sua aplicação em sala de aula, Laville (1999, p.135) complementa que “o ensino da História, ainda é, muitas vezes, reduzido a uma narrativa fechada, destinada a moldar as consciências e a ditar as obrigações e os comportamentos para com a nação”.

Ao se trabalhar com conceitos, é necessário ter presente que eles não se fecham em si mesmos, que somos construtores de uma ciência viva, uma ciência que se move com o tempo. As identidades já não são fechadas e imóveis. Hoje, somos conhecedores do presente, amanhã, talvez, não tenhamos mais clareza dos fatos. Essa necessidade de buscar a renovação dos conceitos, que mescla o tradicional com o mundo em mudança, é que possibilita manter viva a essência do saber histórico. A compreensão das transformações nas identidades locais, na memória local, faz da busca pela construção da consciência histórica uma constante no trabalho do historiador.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. [...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (HALL, 2006, p.12-13).

As significações elaboradoras de forma individual ou coletivamente relacionadas às representações sociais e culturais mudam continuamente e, ao se trabalhar com a história local, essa análise feita a partir das rupturas e permanências vem a constituir um movimento de transformações de olhares nas escalas de observação para uma análise que permita um efeito nos diferentes níveis do conhecimento, voltado ao microssocial⁸, com um olhar atento ao detalhe da fotografia, ao espaço insignificante para alguns, aos pequenos detalhes que persistiram à ação do tempo, com suas mudanças.

⁷ Conceito entendido aqui como um conjunto de práticas que estabelece uma continuidade em relação a um passado histórico considerado apropriado pelos seus formuladores (HOBSBAWM; RANGER, 2008 apud CERRI, 2011, p.33-34).

⁸ Segundo uma “visão antropológica, a micro-história se tornou um modelo alternativo para a ampliação do estudo de caso onde há espaço para a cultura em relação ao determinismo social e econômico, e para os indivíduos que têm seus rostos na multidão. Essa nova alternativa possibilitou um olhar ao telescópio, para que as experiências concretas, individuais ou locais reingressassem na história” (BURKE, 2008, p.61).

Trabalha-se hoje com a perspectiva de que a sociedade não representa mais um local com estruturas fixas, onde tudo é permanente. Segundo Baumam (2005), passou-se da fase sólida para a fluidez da sociedade⁹. Assim:

A força da sociedade e o seu poder sobre os indivíduos agora baseiam no fato de ela ser não localizável em sua atitude evasiva, versatilidade e volatilidade, na imprevisibilidade desorientadora de seus movimentos, na agilidade de ilusionista com que escapa das gaiolas mais resistentes e na habilidade com que desafia expectativas e volta atrás nas suas promessas, quer declaradas sem rodeios ou engenhosamente insinuadas (BAUMAM, 2005, p.58).

Frente a essa nova configuração social, cabe ao pesquisador local destinar um olhar mais aguçado voltado às particularidades que as mudanças apresentam e ao desenvolvimento de uma reflexão aberta quanto ao transitório e às diferenças que se estabeleceram ao longo do tempo. Levar essa reflexão e desenvolver junto ao aluno essa leitura de mundo possibilita que se sinta inserido, com maior sentimento de pertença ao espaço local, contribuindo para a preservação e divulgação de sua memória histórica.

Estudar o local é compreender os cenários em que ele se construiu, é permitir que o aluno repense sua cidade, sua própria história e como sua história individual entrelaça-se com as demais, construindo uma identidade coletiva que permita sua identificação dentro de uma localidade. A identidade coletiva é o elemento principal na percepção do espaço que a consciência histórica ocupa nas relações humanas. Dessa forma,

[...] tudo o que permite que digamos nós e eles compõe a identidade coletiva ou social, e essa identidade é composta da consciência de diversos elementos: familiaridades e estranhamentos, ideias, objetos e valores que um grupo acredita fazerem parte de seus atributos exclusivos e excludentes. O primeiro de todos esses elementos é o nome da coletividade. (CERRI, 2011, p.41).

Trabalhar com a história local é colocar significado nos relatos dos acontecimentos individuais e coletivos que, de certa forma, solidificam-na com o passar do tempo. Trabalhar com a construção desse conhecimento possibilita a articulação das interpretações do tempo e da elaboração de ações que possam ser aplicadas na vida cotidiana. Assim, os conceitos estruturantes deste estudo serão a memória, identidade – individual e coletiva –, história local, cibercultura, cibercidadania e consciência histórica.

⁹ Para Baumam, “a força motora por trás desse processo tem como princípio a acelerada liquefação das estruturas sociais. Os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, não vivem mais em um ambiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência das menores forças” (2005, p.57-58).

3 NARRATIVAS DE VERANÓPOLIS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA LOCAL

São as permanências que traçam o fino fio da História.

(CIAMPI, 2007, p. 220).

Neste capítulo, o objetivo do estudo será o de analisar a historiografia existente sobre o município bem como a construção da memória individual e coletiva da comunidade. A análise pretende identificar quais memórias foram ressaltadas e quais foram silenciadas na história local.

Uma história local entrelaça-se com a global no momento em que se consegue estabelecer a articulação das histórias de vida, no local, no bairro, na escola, onde o aluno assume o papel de sujeito que também faz parte dessa história. É necessário que esse ensino instigue o aluno a refletir e a participar de forma autônoma, levando-o a transcender às paredes da sala de aula e possibilitando-o, assim, a ter consciência de quão importante é seu agir como agente transformador da realidade do contexto político-social em que está inserido.

Em toda a literatura construída acerca de um determinado local, encontram-se diferentes olhares sobre ele, que servem de objeto de análise. Ao se estudar a literatura produzida sobre o município de Veranópolis, procura-se direcionar o olhar para uma análise contextual da época em que foi produzida, pois o material coletado representa uma rica fonte escrita sobre município. Na análise realizada, procura-se ter em mente que toda memória individual constrói-se a partir das vivências e das memórias dos outros. “Para se lembrar precisa-se dos outros” (RICOEUR, 2007, p.130); logo, só há sentido da memória social na vida coletiva, nas tradições.

A tradição faz-se muito presente em todas as escritas analisadas, uma escrita que mantém viva as raízes da colonização italiana, do forte trabalho braçal por eles realizado e de toda a travessia continental traçada pelos imigrantes ao se deslocarem para o Brasil. Uma historiografia marcada com traços de poesia e de exaltação ao trabalho de famílias tradicionalmente instaladas na colônia, que prosperaram economicamente.

Quando não eram famílias inteiras, eram jovens solteiros em busca de melhor sorte. E assim, multidões enormes, sujeitas a toda sorte de sofrimentos, embarcavam em navios ‘nauseabundos’ e partiam para a América. Navegar é preciso... Uns partiam com contrato assinado; outros apenas confiando nas promessas dos agentes. Muitos vinham atraídos pelo convite de parentes ou amigos que já se encontravam nas primitivas colônias italianas (FARINA, 1992, p.28).

A subjetividade faz parte das narrativas, mesmo sendo escritas baseadas em fontes documentais¹⁰. Analisando as obras citadas sobre a história do município de Veranópolis, verificamos que várias pessoas dedicaram seu tempo para desvelar a historicidade desse local, como Geraldo Farina¹¹, autor de “História de Veranópolis”. A obra é de grande valia para que se mantivesse viva a tradição, a história religiosa, social, política e econômica dos imigrantes que fixaram residência nesse município e de toda a história sociopolítica dos primórdios da imigração, desde 1884 até os idos de 1990.

O autor narrou a história do município como forma de manter viva a memória de um povo, com dados estatísticos, mas também carregada de sentimentalismo, com uma linguagem poética e com exaltação às raízes de colonização europeia. Na literatura analisada, é evidente a falta de notas de rodapé com explicações, ou até mesmo fontes anexas para comprovação de citações referidas, o que deixou, muitas vezes, questões em aberto quanto à veracidade do relato presente.

Muito tempo antes de se falar em Colônia Alfredo Chaves, homens brancos e mamelucos de São Paulo já percorriam toda esta região montanhosa, então absolutamente coberta de matas virgens. Historiadores como Serafim Leite, Aurélio Porto, Jorge Cafruni e Fedelis Dalcin Barbosa narram que por volta de 1630 índios daqui eram escravizados e conduzidos até o atual porto de Estrela através do Rio das Antas e Taquari. De Estrela eram transportados a São Paulo (FARINA, 1992, p.21).

Uma dificuldade apresentada são os anexos originais. Por não constarem na obra, as procedências das regiões dos imigrantes não podem ser comprovadas, contrapondo-se com dados da época, apresentados por registros impressos da prefeitura, que também não se fazem presentes no corpo do trabalho. A falta de documentação comprobatória deixa lacunas ao leitor, que necessita buscar fontes que a comprovem.

¹⁰ Em *Memória evanescente*, Karnal e Tatsh afirmam que um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva. Um documento é tudo aquilo que em determinado momento decidir que é um documento; é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de época, ou seja, o documento existe em relação ao meio social que o conserva. Mesmo que o conceito de documento amplie-se ao limite, sempre haverá documentos mais importantes que outros. Sintetizando, documento histórico é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita. (apud PINSHY; LUCA, 2009, p.20-21-24).

¹¹ Geraldo Farina nasceu em Ibiraiaras, RS tem formação no magistério, é pós-graduado em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, além de vários cursos de extensão universitária em Regência Coral. Atualmente, Geraldo mora em Bento Gonçalves, onde é regente de cinco coros.

Pesquisas efetivadas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e no COEMIT – RS – Comitê da Emigração Italiana do RS – indica que a grande maioria dos imigrantes italianos que aqui chegavam era proveniente de Vicenza, Pádua, Beluno, Treviso, Milão, Mantova, da região da Lombardia. Um número bem reduzido provinha de outras cidades e regiões da Itália, a exemplo do Tirol. São poucos os tirolezes vindos a Alfredo Chaves, o contrário, portanto, do que alguns afirmavam e até registraram em impressos da Prefeitura (FARINA, 1992, p.25).

No decorrer das leituras, analisamos também uma importante obra de cunho historiográfico, *Raízes de Veranópolis*, de Rovílio Costa¹², um projeto cultural, desenvolvido pela Secretaria de Educação do município, no ano de 1994. Teve como intuito resgatar as raízes socioculturais, abordando aspectos relacionados ao trabalho e ao desenvolvimento no seio das famílias veranenses: os filós, a economia, a vida cultural, as festas tradicionais e a religiosidade do povo.

Nesse trabalho, verificamos uma maior integração entre textos escritos, relacionada à diversificação do campo a que pertenciam seus escritores: ligação tradicional de famílias do município, professoras, historiadores, acadêmico do curso História, representante da comunidade de imigrantes poloneses, geólogo, escritores e pesquisadores, todos com os devidos nomes citados no corpo do texto.

Percebemos, nesse documento escrito, duas grandes diferenças em relação ao documento anterior: a primeira refere-se à questão das notas de rodapé e às explicações quanto à origem das fontes históricas; a segunda é no que diz respeito à abertura para uma abordagem de caráter cultural da História. Embora com grande cunho religioso cristão, ocorre um entrelaçamento das áreas nos diversos campos do conhecimento, com o intuito de construção das memórias e das identidades do local.

Em todos os artigos escritos, as fontes estão devidamente citadas e as de origem iconográfica, devidamente identificadas, facilitaram a pesquisa, dando uma segurança maior ao teor deste estudo. Prova disso é a citação de Franco (1998), ao relatar dados sobre o segundo quadro da *Sacra Famiglia*:

O segundo quadro é o da Sacra Famiglia e no verso diz o seguinte: Esta imagem foi comprada por Ângelo Dal Pai, no ano de 1860, natural da cidade de Ásolo, servindo como ornato do quadro matrimonial. Serviu, igualmente, no quarto matrimonial de seu filho Victorio Dal Pai, desde o dia 13-4-1894. Alfredo Chaves, janeiro de 1928. Assinado Victório Dal Pai (FRANCO, 1998, p. 98).

¹² Rovílio Costa era licenciado em Filosofia e Pedagogia, Mestre em Educação e Livre Docente em Antropologia Cultural, pesquisador e editor de livros sobre a imigração no Rio Grande do Sul.

Ao finalizar o relato, a autora coloca uma nota explicativa de rodapé, informando ao leitor dados de Victório Dal Pai: “Victório Dal Pai nasceu em Ásolo, no dia 07/06/1885. No Brasil, inicialmente, teve casa de comércio em Lageadinho, Veranópolis. Faleceu em 13/04/1948” (FRANCO, 1998, p.98). Esses dados apresentados são aspecto importante que passam confiabilidade ao leitor que está pesquisando sobre o assunto.

Na segunda questão diferenciada, referente à abordagem das memórias relacionadas às tradições familiares e a festas comunitárias, tem-se presente, em várias passagens, que as identidades que se constroem ao longo dos tempos criam laços de pertencimento ao local para esse sujeito histórico, através das gerações.

A religiosidade é entranhada na família veranense. As manifestações religiosas parecem ser acalentadas como um bem precioso que começou a ser construído ainda no Velho Mundo. Mas ordens religiosas marcadamente colaboraram na introjeção da religiosidade. É o caso dos capuchinhos que aqui chegaram, em 1896, como indica um folheto comemorativo do cinquentenário de sua ação no RS (1946). Que veranense não participou da festa de Nossa Senhora de Lurdes? Quem não tem um familiar envolvido na Ordem Franciscana Secular? Duas manifestações religiosas chamam especial atenção: os santos nas paredes das casas e os laços com as capelas de linhas interioranas (FRANCO, 1998, p. 98).

Esse registro deixa evidente a forte manifestação religiosa como traço marcante do povo veranense, nas duas literaturas analisadas. Em um dos artigos, a arte cemiterial é citada com forte simbologia ao heroísmo cívico-nacional, e a determinação com que a religiosidade acompanha esses imigrantes, mesmo depois de sua partida da vida terrena. Conforme mostra a citação de Steyer (1998, p.242): “Foi voluntário na 1ª Guerra Mundial de 1915 a 18. Combateu o inimigo heroicamente conquistando com sua bravura 7 condecorações, inclusive cruz de guerra e medalha de ouro.” (Veranópolis). Esse é mais um epitáfio de exaltação dos feitos do morto em vida.

A religiosidade faz-se muito presente nos monumentos que estão sob o olhar diário, e isso é muito marcante nas ruas da cidade. Na literatura analisada, também foram apresentados traços dessa simbologia religiosa. Sobre os monumentos que contam a história pelas ruas da cidade, como marcos do patrimônio histórico de Veranópolis, Fernandes (1998) narra:

No perímetro urbano de Veranópolis podem ser vistas 25 peças. No interior do município: monumento aos fundadores de Lageadinho e, em frente à Igreja de Monte Bérico, uma peça (1927), em memória do V centenário da aparição de Nossa Senhora do Monte Bérico. Na Praça 15 de Novembro, fronteira à Igreja Matriz, vê-se: obelisco comemorativo da Revolução Farroupilha, busto de Mansueto Bernardi; homenagem ao agricultor; Pira da Pátria com uma placa em homenagem a um dos prefeitos locais;

Carta Testamento de Getúlio Vargas; marco alusivo à visita à cidade do Gen. Ernesto Geisel, quando presidente da República; na Igreja, bem ao alto, uma imagem de N.S. e na parte externa, junto à porta, duas placas: uma como reconhecimento do povo ao idealizador e realizador daquele templo sagrado, o sacerdote capuchino José de Bento Gonçalves (Humberto Cherubini) e outra lembrando as missões, de 14 a 22-8-1976. No seminário Seráfico São José, face para a rua, está um monumento com significativa homenagem aos Padres Capuchinhos com várias placas. [...] No Colégio Regina Coeli, na área de acesso ao prédio, aparece um marco do cinquentenário da chegada a Veranópolis das Irmãs de São José; estátuas de Nossa Senhora de Lourdes (gruta) e de São José (1998. p.276).

Mesmo ampliando-se a abertura para uma história cultural, ainda se mantém muito presente, na historiografia analisada, traços da construção historiográfica tradicional, estruturada em uma ‘união familiar’ baseada em relatos de sobrenomes que se destacaram na construção de uma história oficial, dos bons costumes e de ideais conservadores como sustentáculo para gerações futuras, conforme relatos que seguem:

A conveniência de cultuar as tradições, o folclore, a história está a todo o momento sendo recomendada, não só por intelectuais, historiadores, mas por todos os que, amando sua terra, se dão conta de que é necessário manter vivo o interesse por tudo o que passou e que se constitui o patrimônio inalienável do seu país ou cidade. Pobre do povo que negligencia este particular, porque povo sem passado é um povo que não existe. A tradição, como a família, nunca pode desaparecer. A primeira mantém viva a história, a segunda não deixa desaparecer a sociedade. Esta, tal qual a planta, necessita de raízes. (ABRUZZI, 1998, p.20).

Entre os primeiros imigrantes italianos que há mais de cem anos chegavam em Monte Bérico, da Colônia Alfredo Chaves, está a Família Bragagnolo, vinda de Vicenza, Itália, por volta de 1885. [...] Em Monte Bérico tudo estava por fazer, mas a terra era fértil e, com trabalho e fé, começaram a construir. Com algumas ferramentas, terras doadas pelo governo, muita coragem e vontade de vencer, desmataram, plantaram, moraram em galpão provisório até construir a casa, e venceram. [...] Em 1901, começaram a construção em terreno, no alto de um monte [...] ali seria o novo altar de Nossa Senhora de Monte Bérico. Imagem fora trazida com eles da Itália, visando à proteção contra pestes, temporais e intempéries. (FRACASSO; FRACASSO, 1998, p.140).

Foi numa das primeiras levas da colonização polonesa, em dezembro de 1890, que desembarcaram em Veranópolis Jakob Pufal ou Bufalt e sua mulher Anna Juliana Feher, de 24 e 19 anos respectivamente, procedentes de Zyrardów, Polônia. (...) É interessante apresentar a carta que Jacob e Anna mandaram para os pais na Polônia, pouco depois da chegada a Veranópolis. [...] Há muitos macacos, cobras, serpentes. O clima é saudável. Quando aqui é meio dia, na Polônia são 7 horas da tarde. Não temos igreja ainda, mas se estão construindo igrejas em todas as linhas. Uma vez construída a igreja, teremos também o sacerdote. No Brasil passam bem os que conhecem alguma profissão liberal (PUFAL, 1998, p.141-142).

Falar sobre a história da família Dal Pai é uma homenagem da mais profunda gratidão, pelas lições de vida que, sabiamente, seus integrantes nos deixaram e continuam a prestar quando os recordamos. É também uma modesta tentativa de externar nosso grande afeto filial, uma pávida retribuição pelo enorme carinho do qual nos cercam. [...] Líder por natureza e dotado de grande espírito público, Vitório atuou no município onde exerceu o cargo de Presidente do Conselho Municipal e, depois, de Vice-Intendente. (DAL PAI; TOMASETTO, 1998, p.151-152).

Em 1930, foi escolhido e eleito pelo Partido Republicano e Partido Libertador para intendente como candidato de consenso. Face à Revolução de 1930, foi dissolvido o

Conselho Municipal e confirmado no cargo de Prefeito pelo Interventor General Flores da Cunha. [...] Em 1930, um dos filhos de Vittório, Mansueto Dal Pai, retornou da capital do estado [...] é o autor do Hino Oficial de Veranópolis. Mansueto deixou seu nome na história desta cidade por ser responsável pelo topônimo Veranópolis. (DAL PAI; TOMASETTO, 1998, p.151-152).

Além dessas exposições escritas sobre as memórias locais, a obra analisada segue com vários relatos de famílias que tiveram seus nomes envolvidos na construção da memória do município pela participação na vida política, social, econômica, educacional, religiosa e cultural de Veranópolis. As duas obras são de extrema importância como ponto de partida para uma análise voltada a uma reflexão dialética entre a tradição e a modernidade, levando a aguçar o olhar para os espaços do cotidiano a fim de perceber nesses espaços as permanências e modificações que o tempo cronológico e o tempo histórico causam.

As referências teóricas como aporte na apropriação dos saberes históricos já constituídos do local fazem-se presentes neste estudo, e as articulações passado e presente tornam-se imprescindíveis no que tange à construção historiográfica; porém, um novo olhar, voltado a uma história cultural que permita uma compreensão nas mudanças de paradigmas da modernidade faz-se necessário; um olhar que esteja intrinsecamente relacionado ao conceito de memória e de identidade. Nesses saberes históricos construídos por gerações e no sentimento de pertença ao espaço local, torna-se latente identificar qual o significado da memória e da identidade nas práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina de História, necessárias na educação básica e compreender, assim, de que forma as escolas, dentro de suas propostas e de sua práxis pedagógica, estão trabalhando a memória e identidade no campo da história local, para que novos olhares orientem a prática pedagógica em sala de aula.

A partir da análise feita, que tiveram sua gênese nas indagações surgidas e reforçadas pela análise das narrativas construídas sobre Veranópolis, surgiram caminhos que levaram à busca de dados para subsidiar o estudo no que se refere ao uso de metodologias e fontes para o ensino de história local.

3.1 Cenário do objeto em relação ao ensino da história local

A análise historiográfica apontou caminhos para a busca de um levantamento junto aos professores do ensino básico da rede municipal de Veranópolis, culminando com a aplicação de questionário para a busca de dados. O objetivo deste capítulo é a exposição da metodologia de aplicação e a análise dos dados obtidos.

Os questionários¹³ utilizados neste estudo foram elaborados sob uma perspectiva metodológica qualitativa e quantitativa, estruturados com perguntas fechadas para professores da rede municipal de ensino do município de Veranópolis. Os questionários representaram um total de 14 entrevistas com todos os professores do 4º ano das escolas de educação básica do município, bem como os de 6º ao 9º ano, da mesma rede. A escolha por esses níveis deve-se pelo fato de que é no 4º ano que os alunos entram em contato com a história local, com estudos mais específicos relacionados ao município. Elencaram-se para a pesquisa os professores das séries finais do ensino fundamental a fim de diagnosticar qual o entendimento que as professoras entrevistadas possuem sobre o ensino da história local, visto que, nas séries finais, há uma tendência em valorizar os conteúdos de forma mais fragmentada, com menos abordagem do local, partindo mais para uma História focada na História Geral e do Brasil. Como forma de dar um suporte maior aos dados obtidos, foi agregado à pesquisa o tempo de atuação no magistério público municipal e o tempo de atuação na série em que esse professor leciona.

O questionário foi montado a partir de questionamentos enquanto educadora da rede municipal, em saber como se dá a prática metodológica dos professores que atuam com o 4º ano na rede de ensino, no que se refere ao acesso às fontes históricas, como é trabalhada a identidade local, a memória e seus espaços, de que formas esses aspectos chegam ao aluno e como são reelaborados para serem transformados em saber histórico. Busquei, com as questões, analisar qual a compreensão dos professores que atuam no ensino de 4º ano possuem sobre história local e de que forma elencam os conteúdos que são ensinados aos alunos, ponto de extrema importância para a aquisição de conceitos históricos fundamentais como identidade, memória, patrimônio cultural.

Dentro da proposta de estudo, foram também analisadas as metodologias, quais as fontes históricas mais utilizadas em sala de aula pelos professores, se existiam fontes acessíveis sobre o município e de que forma elas eram apresentadas, se as utilizavam como fonte de pesquisa para montagem de textos. Igualmente, foram verificados os espaços de memória da cidade, se possibilitam ampliar os estudos e de que formas os professores exploram sua observação e sua reelaboração para a construção do conhecimento por parte do aluno. Por intermédio desse questionário, também foi perguntado de qual material didático os professores fariam a escolha, se tivessem oportunidade, para dar suporte paradidático em suas aulas.

¹³ Conforme Apêndice B.

O questionário estruturou-se em dois blocos: no primeiro, com perguntas direcionadas às práticas de ensino e ao entendimento do professor sobre história local. Em um segundo bloco, as perguntas direcionaram-se à metodologia utilizada para o ensino da história local. Para um maior entendimento, serão utilizadas, neste estudo, as abreviações [E. nº] para denominar as pessoas entrevistadas [E] e o número dentro do colchete identifica a pessoa pesquisada sem nomeá-la referência ao questionário realizado.

Em relação às perguntas referentes ao ensino, ao serem questionadas sobre o seu entendimento de história local, as professoras trouxeram à tona certa dificuldade à compreensão do conceito, o que é compreensível visto a não exigência de formação da área de História para o 4º ano. Nas respostas obtidas, foram evidenciadas falas que demonstram existir uma distância na relação do entendimento entre história local com o espaço maior, que é o global e o regional. O enfoque percebido é dado a determinados temas mais tradicionais, sem uma rede de relações, como demonstra a resposta da [E. 1] “História de um determinado lugar, sua colonização, sua cultura” [E. 1].

Em algumas respostas, verificamos a dificuldade que muitas professoras apresentam em construir uma metodologia de ensino para que a história local se entrelace com a história global e regional e de que forma a identidade e a memória são construídas neste estudo. [E. 3] e [E. 6], ao serem questionadas sobre seu entendimento, responderam que “é a História do meu município, a cultura do nosso povo, nossa colonização” ou ainda “é a história que estuda as particularidades de cada região, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade, com informações atualizadas.” As respostas suscitaram questões como: De que forma são trabalhadas em sala de aula a noção temporal, a simultaneidade nas noções espaciais e temporais.

Como o entendimento de história local perpassa pelas noções temporais e espaciais, questionamos seu entendimento e sua importância. Nas respostas, [E. 4] salientou que o “entendimento de história local vem por intermédio de leituras, entrevistas com pessoas que marcaram a história e registros.” Nessa mesma linha, [E. 10] salientou que “História local é a história mais próxima de nós, é a história do bairro em que vivemos, da cidade, da escola, é onde o aluno encontra-se mais inserido no contexto histórico”.

De certa maneira, as professoras têm presente em sua metodologia a importância do estudo *in loco* como forma de diferenciação e apropriação do tempo passado e presente, embora seja compreensível a forma vaga de seu entendimento do que vem a ser história local. Segundo Pesavento (2004), para recuperar o passado não necessitamos somente reconstruir narrativas, é

necessário conferir uma identidade urbana a esse lugar, dar significados de reconhecimento que o individualize na história global. Existe, ainda, a necessidade de se trabalhar conceitos para que o aluno estabeleça as relações de contextualização histórica com a história global e regional e sua simultaneidade temporal. Assim:

As regiões e os lugares são tensionados pelo embate entre o tempo do mundo e o tempo dos lugares. [...] o tempo do mundo remete a noção de um tempo uniforme, comum a todos os espaços. É o tempo da modernidade, imposto às regiões e aos lugares a partir dos “centros irradiadores” da história global. (...) A noção de tempo dos lugares indica que, na história, sempre há muitos tempos sociais que convivem na realidade do mundo e do país. (BRAUDEL, 1996 apud MARTINS, 2013, p.144-145).

Algumas professoras, quando questionadas, trouxeram em suas respostas uma insegurança em relação aos estudos referentes à história local, como [E. 8], que se referiu a ele como um estudo “sem fontes científicas e baseado no senso comum”, reforçando que “exceto nos estudos sobre imigração, sobre Veranópolis e região, não há comprometimento com a pesquisa.” Essa fala denota a ausência do conhecimento das fontes bibliográficas produzidas e até mesmo a existência da generalização de que toda a historiografia produzida é baseada em senso comum, embora se saiba que ela foi construída também com base em história oral, o que não significa ser senso comum.

Em contrapartida, podemos levar em consideração, na fala da entrevistada, o que diz respeito à historiografia existente, que a “falta de confiabilidade”, por ela relatada, pode se dar pelo fato de que narrativa por ela referida foi elaborada não somente por historiadores, mas também com a participação na escrita da narrativa por pessoas da localidade, ilustres conhecidos, professores, o que Rubinstein (2011) denomina história amadora, pois:

A historiografia local, outro enorme campo da história que, até recentemente, esteve ausente do interesse do historiador acadêmico. Praticamente todas as comunidades no mundo Ocidental [...] têm historiadores locais. Na Inglaterra do século XIX, eles eram muitas vezes os vigários locais, homens com erudição e tempo, que coletavam o material da história antiquária – costumes locais, inscrições de antigos prédios e artefatos, anotações em documentos paroquiais, etc. [...] Com frequência, todavia, alguns dos principais ingredientes que o historiador de hoje provavelmente quereria incluir em uma história sofisticada estão ausentes, principalmente o contexto social e econômico da comunidade e praticamente qualquer coisa relacionada aos pobres, às classes trabalhadoras, às mulheres e a outros que não pertenciam ao establishment da época. [...] Mesmo assim, a historiografia local fornece uma base firme e valiosa para histórias mais sofisticadas que deveriam, talvez, ser mais conhecidas pelos estudantes de graduação e os pesquisadores de hoje, cuja iconoclastia e busca de conflito baseado em fatores socioeconômicos e outros pode ter exagerado em outra direção (RUBINSTEIN, 2011, p.314-315).

Assim, essa fala deixa transparecer que não existe o reconhecimento, por parte da entrevistada, em denominar a historiografia até então construída, como sendo de cunho acadêmico. Na história local, é forte a existência de trabalhos acadêmicos e não acadêmicos, os quais, na visão de algumas pessoas, podem gerar desconfiança. De acordo com Rubinstein (2011, p. 315), “estas histórias são encomendadas por governos locais para comemorar o centenário de órgãos ou outro aniversário importante.” Essa afirmação do autor leva-nos a subentender que as narrativas locais vão se construindo com base em um discurso subjetivo e carregado de intenções.

A narrativa histórica nunca é neutra, porém o entendimento de história local que a educadora [E. 11] trouxe em suas respostas é que “rompe com a objetividade, aproxima as pessoas do processo histórico, é uma história que valoriza a vida de cada um, resgata culturas, faz do aluno um agente histórico, no meu trabalho parto do conhecimento prévio dos alunos”. Partimos do pressuposto de que nenhuma história rompe com a objetividade, visto que a História é construída a partir de uma narrativa carregada de subjetividade. Conforme Pesavento (2004, p.11), “a objetividade deste tempo escoado só se tornará presente, para o historiador e para o leitor, através de uma operação mental e subjetiva, onde discursos e imagens dotados de sentido realizarão esta operação de reconfigurar uma temporalidade.”

Quando questionadas sobre quais os conteúdos trabalhados sobre a história do município, as respostas revelaram que os conteúdos ainda obedecem a uma abordagem linear, sem eixos temáticos que contemplem uma aprendizagem por projetos. As entrevistadas [E. 1], [E. 2] e [E. 3] deixaram claro que a abordagem curricular ainda obedece à ordem dos conteúdos mínimos a serem estudados, dando ênfase aos aspectos relacionados à origem do município, à imigração e à colonização, além de como se deu o surgimento de seu nome.

Foram citados ainda os símbolos de Veranópolis, os “personagens” importantes da história local, como o bandoleiro Paco e o poeta Mansueto Bernardi. Os conteúdos têm uma característica bastante significativa de uma história factual, elencados em uma estrutura de construção de conhecimento histórico tradicional, apresentados em uma sequência de tempo linear e progressiva.

Essa construção dá-se com ênfase em grandes acontecimentos e personagens políticos, com pouco espaço para abordagens que contemplem as diferentes etnias que ajudaram a construir a identidade e a memória social do município. Não há uma orientação dialógica com traços para uma abordagem que contemple características da Nova História Cultural.

Portanto, atualmente, o professor opta por manter os denominados conteúdos tradicionais, ou seja, aqueles organizados no currículo por círculos concêntricos, datas cívicas comemorativas e noção temporal “cronológica”, quando o projeto pedagógico de sua escola tem como objetivo a formação de um aluno subserviente ao Estado e, ao atual estado das experiências sociais. Ou então, atualmente, o professor opta por selecionar conteúdos significativos, quando o PPP de sua escola tem como objetivo a formação de alunos capazes de ler o mundo em suas diferentes condições sociais e culturais, de se perceberem sujeitos históricos, portanto, construtores de sua experiência social e da experiência social coletiva (RELA, 2007, p.145).

Indo ao encontro desse raciocínio, [E. 2] e [E. 3] relataram em suas falas a importância de se abordar a história religiosa do município, e de suas capelas. O pertencimento religioso a esse espaço local mantém características muito fortes ligadas ao catolicismo, o que ficou evidente, em sua fala, pela lembrança trazida dos capitéis. Essa lembrança dá-se pelo fato de ser o catolicismo a vertente religiosa base da imigração. Essa fala revela a ausência de uma abordagem dialógica da História com elementos que a diferem dessa crença e que fazem parte do cotidiano dos alunos. São percebidas lacunas nessa abordagem para que possa ser valorizado o multiculturalismo, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais.¹⁴

Segundo os PCN (1997), o estudo da história local tem por finalidade a compreensão dos diferentes modos de viver do presente e de outros tempos. As respostas obtidas a partir do questionário revelaram uma ausência de metodologia que possibilite a existência do diálogo entre passado e presente. Nesse sentido, há brechas na construção da aprendizagem histórica do aluno, pois as respostas apontam poucas metodologias que possibilitem os alunos perceberem-se como sujeitos dentro do processo social, observando as permanências e modificações do processo.

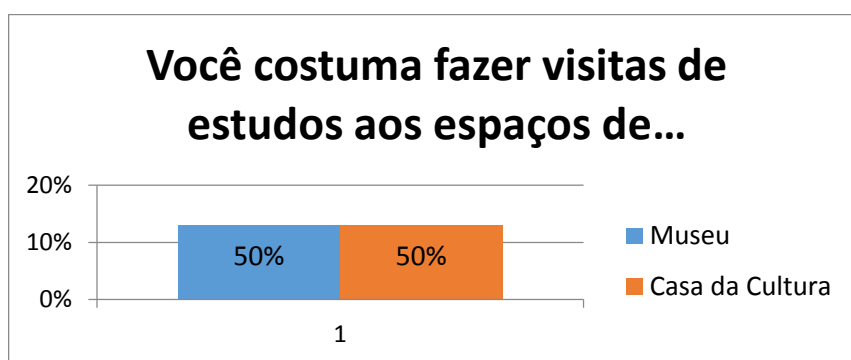
A entrevistada [E. 10] trouxe, em sua contribuição, quando da entrevista, que em suas aulas trabalha os conteúdos “que se encaixam no currículo da História Integrada (imigração/formação das cidades)”. As educadoras [E. 11] e [E. 12] elencam em seus conteúdos a colonização e o povoamento, mesclando-os com aspectos geográficos como localização, clima, relevo, vegetação, hidrografia, economia e pontos turísticos. As semelhanças sociais, econômicas e culturais de dimensão cotidiana, o espaço local e suas relações com outras localidades urbanas e rurais também são abordados aqui. Percebemos uma preocupação em estabelecer relações temporais e espaciais a partir do estudo do local, oportunizando ao educando refletir sobre a sua construção social e cultural.

¹⁴ Não é objetivo deste estudo aprofundar-se em questões de metodologia que envolva as várias vertentes religiosas existentes no município.

Temas como patrimônio histórico cultural do município fizeram-se presentes, como conteúdo elencado no currículo, em três respostas das entrevistadas [E. 12], [E. 13] e [E. 14]; porém, fizeram-no como forma de estudo, com base em visitas, e com posterior relatório escrito, sem interação com objetos e representações lúdicas sobre o local. Pela análise das respostas, os relatórios obedecem a um cunho descritivo, não voltado para uma reflexão do que foi visualizado pelo aluno, valorizando seu olhar e reelaboração de conceitos.

Os pontos de observação citados por elas foram os pontos turísticos, a Casa da Cultura e o Museu Municipal, já pré-determinados anualmente, não sendo citados, dessa forma, locais de memória, que também contam a nossa história. Embora ocorra a observação, a metodologia utilizada prende-se ao papel, conforme demonstra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Estudo nos espaços de memória



Fonte: o Autor.

O trabalho é orientado por um roteiro já estabelecido. Notamos que, em nenhuma resposta, foi mencionado um estudo de bairros, bem como as particularidades de cada etnia, aspectos pluriculturais e outras questões relacionadas ao patrimônio da comunidade, da escola. Somente [E. 13] relatou que “realiza as observações fazendo caminhadas, paradas para observação, questionamentos para perceber detalhes e comparações”. Assim:

No espaço da cidade, práticas de seus moradores são identificáveis e se tornam mais concretas nos espaços fervilhantes das ruas, dos itinerários, dos lugares de encontro. Em cada um desses espaços, um sistema de valores e um ritual para seu uso se impõe. [...] A investigação desses lugares de encontro permite entender a sociologia do comportamento de diferentes espaços da nossa cidade com suas particularidades e expressões culturais próprias (MACHADO, 2004, p.53).

Conforme Horta (2011), ao se abordarem questões sobre patrimônio em ações educativas, o primeiro questionamento a se fazer é *por que educar?* Assim, as respostas dos porquês levam a encontrar estratégias e métodos que servirão de base para uma transformação

da situação que se vive, levando a uma conscientização da importância de se preservar os traços identitários presentes na imaterialidade e materialidade cultural de nossa sociedade.

[E. 14] salientou que “os alunos questionam, percebem o valor cultural dos prédios, casas antigas, capitéis, igrejas, arquitetura, escultura.” Nesse sentido, Horta (2011, p. 287) afirma que: “o estímulo aos processos afetivos de conhecimento, pela interação com os objetos, da sua manipulação e experimentação, de representações dramáticas ou de encenações que permitam a adultos e crianças uma apropriação emocional e intelectual dos bens e processos culturais”.

No questionário, citamos as obras *História de Veranópolis* e *Raízes de Veranópolis* como opção de fonte para pesquisa. Dessa forma, quando questionadas sobre o material produzido no município e a facilidade para seu acesso, as professoras relataram que essas obras são pesquisadas, pois representam as poucas fontes de pesquisa sobre a história do município.

[E. 5] salientou que “estas publicações são a referência maior para o desenvolvimento do trabalho.”

Conforme [E. 4], os materiais encontrados para pesquisa “são filmes, cartazes, livros, bandeiras, fotografias, pessoas com descendências italiana e polonesa. Italianos por causa do Gemmelagio.” No que tange à questão da etnia, mais uma vez, sobressaem as duas etnias formadoras: italiana e polonesa.

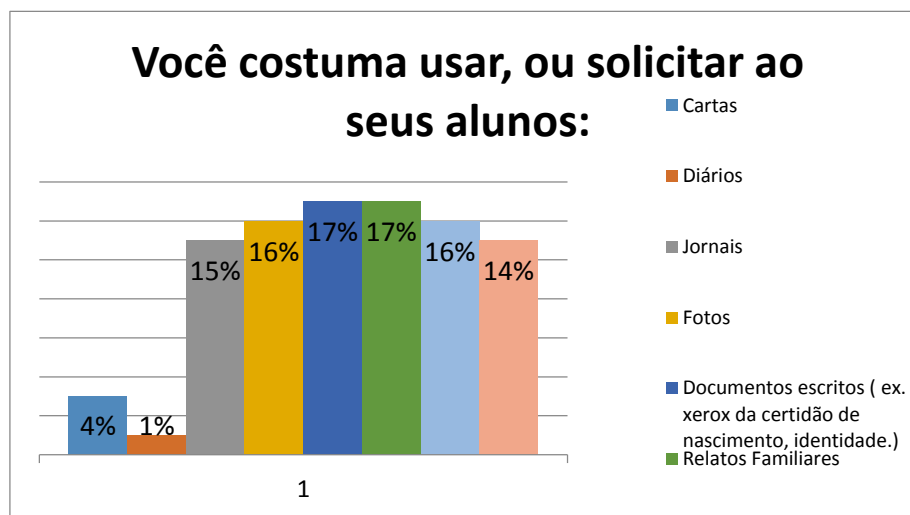
O trabalho com a pluralidade é de extrema importância para despertar no aluno o olhar de pertencimento ao contexto e ao local, as diferentes etnias que fazem parte deste espaço e sua contiguidade. Em suas respostas sobre o material existente, [E. 7] e [E. 8] abordaram que “os materiais que existem são ultrapassados em relação ao município.” Ainda, “que o material que existe não vale a pena, a bibliografia é ultrapassada.” [E. 8] ponderou que “existe pouca bibliografia e somente alguns livros sobre o município, sem nenhum mapa.”

[E. 5] acrescentou em sua resposta que “gostaria de encontrar um livro que compilasse a história do município desde sua origem até a atualidade de forma resumida, objetiva, com linguagem simples para o entendimento do aluno.” Concordando com a ideia, [E. 6] também observou em sua resposta que “gostaria de encontrar um livro compreensível, atualizado, com conteúdo que daí cada professora trabalha do seu jeito”.

Em um segundo bloco de questões, as professoras responderam sobre aspectos que orientam sua metodologia de trabalho. Ao serem questionadas sobre a utilização de fontes históricas em sala de aula como o uso de jornais, diários, cartas, fotos, documentos escritos,

história oral como relatos familiares, pesquisa com moradores do município e objetos pessoais, obtivemos uma variedade nas escolhas, conforme mostra o gráfico 2:

Gráfico 2 – Pesquisa em fontes escritas e pessoais



Fonte: o Autor.

Dentro das opções que as professoras assinalaram, somente 4% optam por trabalhar com cartas e 1% com diários, que também envolvem trabalho com fontes de familiares. Isso leva a pensar que, apesar de existir a possibilidade de se modificarem as estratégias metodológicas, o trabalho acaba sendo focado em fontes de fácil acesso e manuseio, visto que cartas e diários requerem uma estratégia pensada e revista para que o aluno possa entrar em contato com as fontes que dizem respeito ao seu passado, à sua história, dando valor como um bem cultural.

Segundo Machado (2004, p.14), “um bem cultural é todo aquele vestígio da ação humana que possui uma significação cultural.” A manutenção de um bem cultural necessita de uma ação que perpassa pelo conhecimento de sua existência para que se possa educar as futuras gerações para se apropriarem de seu valor social.

Em uma era em que tudo se entrelaça, é de suma importância que o professor desenvolva estratégias para trabalhar as fontes que lhe são disponibilizadas e, dentro de uma perspectiva que desenvolva novos olhares, o documento escrito torna-se um elo entre passado e presente, um caminho para que se construa junto ao aluno a valorização da cultura local. Como possibilidade para trabalhar documento, as entrevistadas mostraram um equilíbrio nas escolhas das fontes documentais escritas, sendo que 17% costumam trabalhar com documentos como certidão de nascimento e relatos familiares. Essa escolha demonstra que há interesse em

se manter a história local, em uma construção que valorize a micro-história; porém, cabe salientar o que são e quais informações são extraídas dele, dentro de uma análise histórica.

Dessa forma,

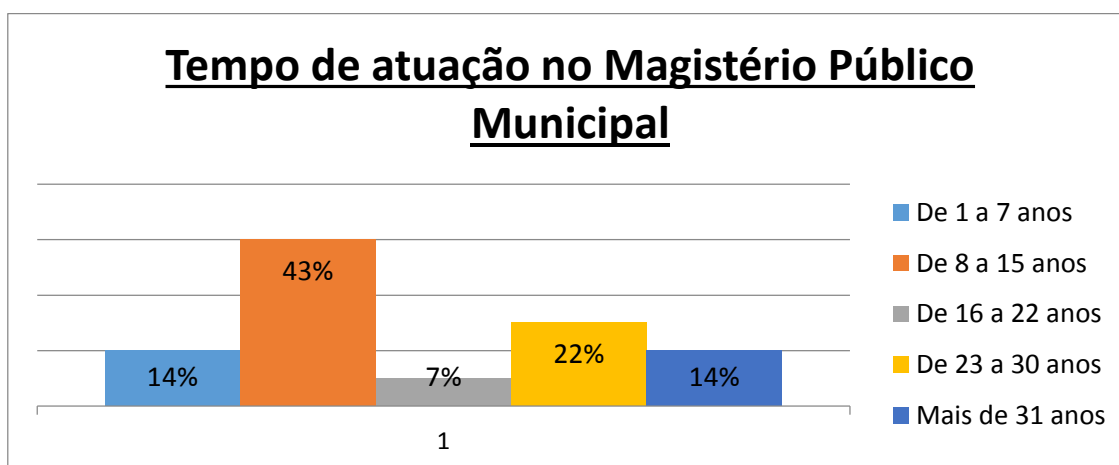
[...] são documentos – manuscritos e impressos – que contêm informações importantes sobre o modo de vida, hábitos e valores de uma determinada época. De posse de um documento ou de um conjunto deles, podemos reconstruir o modo de vida social de uma comunidade que estamos investigando através da identificação da época em que foi produzido, do tipo de texto e a finalidade do mesmo. [...] A elaboração de situações de aprendizagem utilizando documentos requer cuidados por parte do professor. [...] definição de objetivos. [...] selecionar o conjunto de documentos relacionados com a temática proposta, levando em conta o estágio de desenvolvimento dos alunos. [...] escolher o momento adequado para introduzir o documento e orientar sua exploração (MACHADO, 2004, p.33).

Para que ocorra uma aprendizagem significativa, é necessário que o aluno possa ter a oportunidade de ter contato com documentos a serem analisados, que ele exponha seus conhecimentos prévios sobre eles, sendo o professor o mediador entre o aluno e a atividade proposta.

Segundo Machado (2004), os jornais representam uma fonte de suma importância para o estudo de uma determinada realidade, por dar a oportunidade de explorá-lo de forma didática, adequando seu uso ao desenvolvimento cognitivo dos alunos. Ao serem questionadas sobre seu uso, 15% demonstram utilizá-lo em sua prática pedagógica. Outra fonte, como entrevista com moradores e uso de fotos em sala de aula, obtiveram 16% na escolha das entrevistadas. Assim, trabalhar com levantamentos de informações relacionadas à comunidade, sendo com entrevista oral, dando voz a seus moradores ou com fonte iconográfica, é uma oportunidade para se reconstruir o modo de vida social e as formas de influência no cotidiano de uma determinada época.

Os objetos representam a produção do homem, em uma determinada época, que, em seu valor histórico, contêm as necessidades cotidianas de quem o produziu. Seu uso, nessa pesquisa, contemplou 14% da escolha das entrevistadas. A observação, ao se trabalhar com objetos pessoais ou de outra natureza, exige um olhar atento sobre o fazer e um saber de outras gerações. Segundo Machado (2004, p.42), esses objetos “às vezes, estão jogados nos porões das casas, ou são descartados pelo consumismo dos tempos modernos, mas eles têm histórias a contar, a função dos professores que trabalham com a educação patrimonial é instigar a curiosidade para o que esses objetos podem nos dizer”.

Gráfico 3 – Tempo de atuação no magistério municipal



Fonte: o Autor.

De acordo com os resultados obtidos, do total das entrevistadas, conforme gráfico 3, uma grande parcela encontra-se em início de carreira: 14% (1 a 7 anos), enquanto 43% encontram-se no meio do seu percurso profissional (8 a 15 anos), percentual que não difere do teor das respostas em relação ao entendimento de conceito de história local nem da metodologia das fontes utilizadas nas aulas de História. Conforme [E. 1], com oito anos de atuação no magistério municipal, ao ser questionada sobre seu entendimento de história local, definiu-a como “tudo tem um início, nosso município também tem”. Definição dada também pela [E. 4], com 15 anos de atuação no Magistério Municipal: “o entendimento vem através de leitura, da entrevista com pessoas que marcaram história e registros.” Verificamos, nas duas respostas, o mesmo teor de entendimento e a mesma ausência de conceituação do que vem a ser história local.

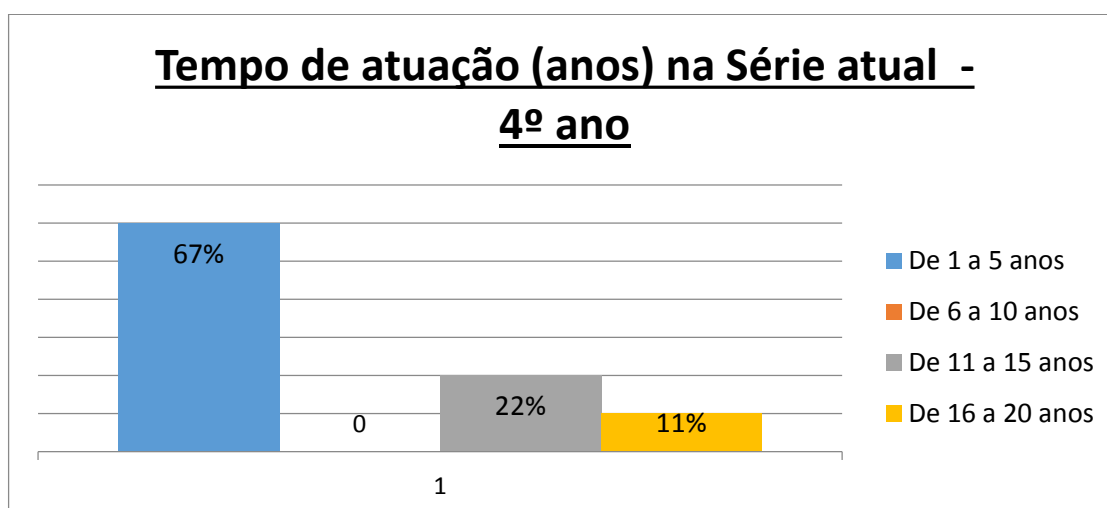
Segundo estudos empíricos de Huberman (2000)¹⁵, a fase que se estabelece no período de quatro a seis anos na carreira profissional do professor pode ser considerada a fase de estabilização, por representar um sentimento de pertença profissional e até mesmo um sentimento de emancipação quanto a seu grau de consolidação de práticas pedagógicas. Ainda, de acordo com Huberman (2000), o período seguinte, da diversificação, entre 7 e 25 anos, representa os mais motivados, os professores que estão em busca de estímulos, de novas ideias.

¹⁵ Huberman (2000), em sua análise, discorre sobre as tendências gerais no ciclo da vida dos professores, levando em conta algumas questões como: a imagem que os professores possuem de si mesmos, as fases e os estágios por que vão passando ao longo de sua carreira e a interferência do passar do tempo na sua atuação em sala de aula. Os estudos de Huberman são realizados sob a perspectiva analógica de anos, fases e temas da carreira da vida profissional de um professor.

Nessa etapa, sentem a necessidade de envolver-se com algum projeto ou mobilização, para não cair na rotina.

Em contrapartida, embora exista essa perspectiva em relação às fases, não é possível levar em consideração apenas determinismos. Assim, pensamos que cabe aqui um questionamento: o que está em jogo nos dados analisados não tem a ver mais com uma falta de conhecimento de fontes metodológicas e novas ferramentas para estímulos, do que um enquadramento de ordem maturacionista por parte desses professores que estão em início e metade de suas vidas profissionais no magistério público.

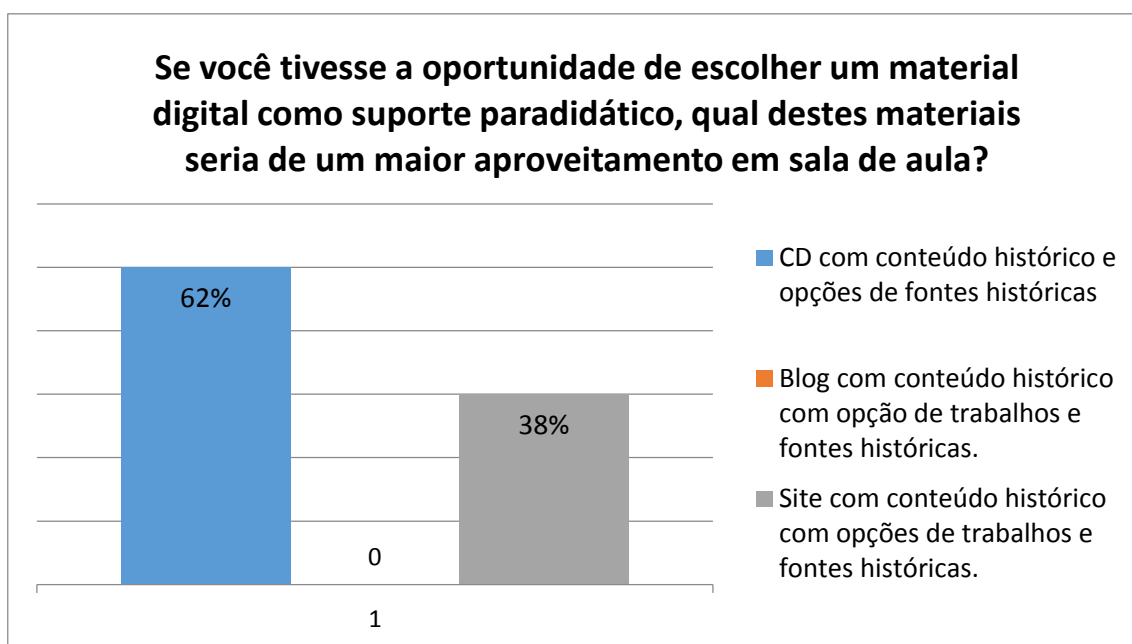
Gráfico 4 – Tempo de atuação no 4º ano do ensino fundamental



Fonte: o Autor.

Conforme legislação atual, não há uma exigência de formação por área, além da formação em Pedagogia, para se trabalhar com o 4º ano do ensino fundamental. A pesquisa realizada revelou, como mostra o gráfico 4, que 67% dos professores estão em início de carreira. Complementando esse dado, observamos que a concepção das entrevistadas sobre história local é a mesma das que não possuíam formação por área, ou seja, a licenciatura tem apropriado os graduandos desses conceitos bases? A partir da análise dos dados, alguns pontos nevrálgicos surgiram em relação à metodologia do ensino de história local, entre eles: a ausência da apropriação do conceito do que vem a ser história local e a não ideia de educação patrimonial. Acrescido a isso, observamos uma ausência de metodologia voltada à elaboração de conceitos e o pouco uso das fontes históricas em sala de aula, tão necessárias para o ensino da história local.

Gráfico 5 – Possibilidades de material didático digital



Fonte: o Autor.

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, quando se fala sobre recursos didáticos, é preciso, antes de tudo, definir quais conhecimentos se quer ensinar. É imprescindível planejar em conjunto as ações a serem desenvolvidas e escolher os recursos didáticos adequados ao que se quer ensinar. Sabemos que os livros didáticos adotados nas escolas obedecem a um caráter de ensino de história regional, não levando em conta as especificidades do local, pois são de distribuição nacional, não elencando conteúdos referentes ao município. Segundo os PCN (1997, p.25):

Os métodos tradicionais de ensino têm sido questionados com maior ênfase. Os livros didáticos, difundidos amplamente e enraizados nas práticas escolares, passaram a ser questionados em relação aos conteúdos e exercícios propostos. A simplificação dos textos, os conteúdos carregados de ideologias, os testes ou exercícios sem exigência de nenhum raciocínio são apontados como comprometedores de qualquer avanço que se faça no campo curricular formal. Dessa forma, o ensino de História atualmente está em processo de mudanças substantivas em seu conteúdo e método.

Então, ao serem questionadas sobre a possibilidade de escolha de um material didático de mídia como suporte para suas aulas, obteve-se o seguinte resultado (Gráfico 5): 62% escolheram um CD com a opção de ter um material com conteúdo histórico e fontes históricas; 38% escolheram um site com a opção de ter um material com conteúdo histórico e com fontes

históricas e nenhuma pessoa (0%) escolheu um blog com um material com conteúdo histórico e com fontes históricas. Quais hipóteses são possíveis de se levantar a partir desses dados?

Em primeiro lugar, podemos supor que a grande adesão pelo uso do CD seja em decorrência do acesso facilitado na sala dos professores, em casa, no computador. O uso do *datashow* (tecnologia que já se tornou usual ao trabalho docente) também pode ser levado em consideração pelo fato de ser de fácil manuseio e de os professores terem domínio desse recurso.

A escolha do site apresentou-se com uma adesão de 38%. Frente a esse percentual, a análise feita leva a crer que, como ferramenta didática, ele subentende que o material estará pronto para uso em sala de aula, não exigindo a construção antecipada do percurso da aprendizagem.

O blog não foi contemplado na escolha, ou por desconhecimento da cultura digital, ou por saber da própria dinâmica de que exige ser alimentado, necessitando de pesquisa e de controle diário.

Assim, sintetizando os dados obtidos na pesquisa, encontramos o seguinte cenário: um grande percentual de professores encontra-se em início de carreira como, por exemplo: 43% atuando entre 8 a 15 anos, e, destes, 67% encontram-se lecionando para o 4º ano, entre 6 a 10 anos. Essa representatividade é expressiva e leva-nos a pensar que existe em sala de aula uma prática de não uso das fontes existentes e, quando existe, acontece em pequenas parcelas, conforme demonstra o gráfico dois deste capítulo. As fontes mais exploradas encontram-se pré-determinadas e fazem parte de um roteiro pelos pontos turísticos, com registros feitos por intermédio de relatórios. As ruas da cidade, bem como os lugares do cotidiano, pouco fazem parte das práticas realizadas, mesmo tendo um riquíssimo conteúdo a ser lido mediante a observação. O cenário permite perceber que não se faz presente uma prática com um olhar voltado à utilização e à potencialização das fontes cotidianas contidas no município.

Portanto, a análise dos dados relacionados à prática metodológica é clara, no sentido de que é desconhecido, por esses profissionais, o recurso didático digital na rede internet, direcionado ao ensino da história local. Os dados obtidos fazem pensar na importância da introdução e da adaptação dessas novas ferramentas de mídias concomitantemente ao uso de fontes históricas no currículo escolar. Buscamos, então, como proposta, por meio dos resultados do questionário, construir um material de mídia que contemplasse um conjunto de sentidos da história local, com base nos eixos temáticos: família, trabalho, cultura e lugares.

A integração entre presente e passado, o dar voz, cor e dinamismo a muitos personagens, fatos e características da cidade, aliados à cultura digital, a qual sempre vem com a marca da

interatividade, do produzir, do transformar, certamente só tende a somar positivamente no processo de reelaboração de conceitos e na construção de conhecimento no ensino da história local.

3.2 Indicações para uma proposta provisória: história local e eixos temáticos para seu ensino

E, no momento de criar algo totalmente novo, socorremo-nos das imagens e falas do passado
(CERRI, 2011, p. 20).

O objetivo do capítulo é, a partir do contexto do objeto de estudo e a análise dos dados coletados, apresentar indicadores para o desenvolvimento de uma metodologia do ensino de história local que faça uso de fontes produzidas no cotidiano de cada família, aliada ao uso das tecnologias de comunicação em rede – blog, a fim de obter uma escrita coletiva quando da produção de fontes a partir do registro das memórias coletadas dos avós.

Tanto para os historiadores quanto para os professores de História, qualquer tema a ser abordado poderá ter uma melhor compreensão se conhecer seus antecedentes, o contexto de seu surgimento, os discursos que o validaram em suas variadas conjunturas históricas e os sujeitos envolvidos. Para Cerri (2011), isso se chama pensar historicamente. Segundo esse autor:

Existem vários sentidos para a ideia de pensamento histórico. Para nós, nesse momento, vamos definir que pensar historicamente é nunca aceitar as informações ideias, dados etc. sem levar em consideração o contexto em que foram produzidos: seu tempo, suas particularidades culturais, suas vinculações com possibilidades e limitações do conhecimento que se tinha quando se produziu o que é posto para análise (CERRI, 2011, p. 59).

Dessa forma, usar a história local como uma forma de análise de reflexão-ação e lugar possibilita trabalhar com as variações que a historicidade do local apresentou ao longo do processo histórico. Além disso, esse estudo permite analisar a contiguidade das relações desses sujeitos e de suas articulações em nossa contemporaneidade na sociedade em rede. Um olhar voltado à análise das rupturas e das permanências presentes no espaço local e, como os sujeitos inserem-se nele, leva à compreensão do que, como fala Cerri (2011, p.60), realmente significa à história, “uma sucessão do inesperado, do novo, do inusitado e da criação constante e não apenas a determinação, a permanência, a continuidade”.

Assim, neste estudo, pretende-se apresentar uma proposta de desenvolvimento de material didático escrito e digital focada nos eixos temáticos: trabalho, família, cultura e lugares, que busca instigar a realfabetização do olhar do aluno para a dimensão do espaço local, procurando construir uma identidade própria pelos caminhos do cotidiano.

A partir dessa perspectiva, ensinar História a partir de temas quer dizer recortar conceitos, selecionar problemas e traçar o jogo das continuidades e descontinuidades. Pensar o presente como História permite aos estudantes pensar sua realidade historicamente. Isso significa desenvolver um olhar genealógico para o tempo atual. Conseguir ver os jogos de forças que no passado deram lugar às questões que se apresentam no presente. Pensar historicamente, então, significa ler as urgências do presente nas suas conexões com o passado (GRAEBIN; PEREIRA, 2010, p.175).

Dentro de uma nova perspectiva para o ensino da história local, consideramos como desafio maior o de incorporar e valorizar os caminhos a partir da observação para que se construa, com base na observação, uma narrativa que contemple pressupostos da história cultural, levando-se em conta as recordações humanas, as comemorações, os lugares de memória, as fotografias e suas leituras de permanências e rupturas temporais.

Tomando por base Cerri (2011, p.71), partimos mais uma vez do princípio da ausência: o que significaria a inadequação da consciência histórica, a ser trabalhada por uma ação criteriosa da escola e dos profissionais da História, envolvidos com os meios de divulgação do conhecimento histórico? Nesse sentido, torna-se necessário, em um primeiro momento, analisar, junto aos professores da rede pública municipal da educação básica, a partir de uma pesquisa de campo, como as escolas estão trabalhando a memória e a identidade local dentro da metodologia desenvolvida. No âmbito da compreensão da consciência histórica, Cerri (2011) aborda com clareza a importância da competência narrativa a ser desenvolvida no ensino da História:

A primeira categoria da competência narrativa é a competência de experiência, que se refere a aprender a olhar o passado e resgatar sua qualidade temporal, diferenciando-o do presente e do futuro. Identificar o passado como tal, e sentir que é possível reconhecê-lo melhor, integrando essa reflexão à própria vida de modo significativo é o que define essa competência (CERRI, 2011, p.122).

Compreender a consciência histórica é entender que o espaço geográfico sofre transformações ao passar do tempo. Possibilitar uma reeducação pelo olhar, pela análise, é compreender que as fontes materiais e imateriais são recursos valiosíssimos. Os lugares representam muito de nossa história, contam, por intermédio de seu silêncio, as transformações

que o tempo traz. Eles contêm rastros do passado, rastros que mantêm a memória e ajudam a construir a identidade local. Essa consciência do local desenvolve no sujeito o sentimento de pertencimento, sentimento esse que dá ao aluno a verdadeira dimensão das permanências.

Tomar a história local como objeto de estudo possibilitará para esse trabalho uma análise com propostas didáticas digitalizadas e impressas, tendo por base o material iconográfico, que atribua significações à vida cotidiana dos sujeitos envolvidos. Para Kossoy:

Toda a fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafos, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado (2012, p. 47-48).

Oportunizar o contato com fontes históricas, a partir de metodologias diversificadas torna a aprendizagem um processo dinâmico, instigador, que possibilita ao aluno um novo olhar sobre as lembranças da história local. Acreditamos que a cultura digital possa vir a acrescentar muito como suporte para os professores do município no momento de ensinar História.

O uso das tecnologias em sala de aula desperta no aluno a expectativa do êxito da tarefa. É preciso que os professores elaborem novas alternativas para dar significado à sua prática pedagógica. Buscamos, então, como proposta, por meio dos resultados das entrevistas com professores do ensino fundamental da rede municipal de Veranópolis, construir um material de mídia que contemple um conjunto de sentidos da história local, com base nos eixos temáticos: família, trabalho, cultura e lugares. Com base na construção da narrativa escrita que lhe confira um reconhecimento na história global, a ser definido durante os estudos, como suporte didático ao material didático escrito.

As inovações apresentam-se como desafios, tanto para o professor quanto para o aluno, por isso é necessário oferecer possibilidades para que o discente saiba posicionar-se criticamente frente às situações cotidianas. A prática da sala de aula deve visar uma atitude que busque educar “na” cidadania, não “para a” cidadania. O momento é o presente, e essa visão de prática necessita ser revista dentro do ensino de História e, para tanto, são necessários desafios e esforços constantes no exercício do professor em sala de aula. É necessário, portanto, possibilitar ações em que o sujeito – aluno – saiba reconhecer o espaço relativamente insignificante que o ocupa no grande esquema social, porém esse pequeno espaço é peculiar na

cultura, economia, política, arquitetura e geografia, sendo imprescindível valorizar seus traços de memória e identitários.

3.3 A memória cotidiana e o espaço da sala de aula: o fazer pedagógico no ensino da História na era das mídias digitais

Se me constituía formador, precisava abrir-me para as formas de constituição de mim e, como em um procedimento alquímico, aprender a propor situações de experiência de si que dessem algum suporte para que meus alunos experimentassem a si mesmo.

(PEREIRA, 2013, p.18)

Esta parte do estudo trata de uma experimentação do ensino da história local com a produção de fontes, e, para tanto, utilizamos um blog, uma mídia de comunicação para o registro escrito das memórias individuais e coletivas presentes no espaço escolar e na comunidade.

A palavra *memória* evoca, em primeiro lugar, lembranças, de traços, de recordação. As memórias não são imóveis, mas sim ativas e concebidas como atividades individuais e coletivas, ligadas a um grupo de pessoas por afinidades ou, até mesmo, por recordação de fatos que remetem a situações próprias de histórias locais, regionais e mundiais.

A partilha da memória coletiva pode existir sem que necessariamente as pessoas tenham um círculo de relações pessoais ou afetivas, mas pelo simples fato de compartilharem as informações pertencentes a um determinado grupo social, ocorrendo, dessa forma, sua interiorização.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...]. A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (POLLAK, 1992, p.200-212).

Essas memórias, individuais e coletivas, fazem parte da dinâmica da sala de aula, tornando-se vivas no contexto escolar, necessitando, portanto, de abordagens metodológicas

que acompanhem a velocidade vertiginosa das mídias digitais¹⁶, para que possam explorar, assim, formas de sua inserção no ciberespaço¹⁷.

O desenvolvimento dos sistemas de comunicações tem modificado o acesso à estocagem de informações. Vivemos uma evolução na relação entre o saber e a memória. Segundo Casalegno (2006, p.19): “nossas comunidades se estendem para o nível planetário, ao mesmo tempo em que elas se tornam progressivamente locais”. O ciberespaço utiliza uma dinâmica de promover a lógica que possibilita que toda a população partilhe da memória cotidiana e informal. Sendo assim, o ciberespaço busca tornar acessíveis não só as memórias informais vividas e interpretadas pelos humanos, mas também as memórias formais, como as históricas. Nesse sentido:

Nós nos enfrentamos com um sistema de comunicação aberto, que vibra e vive graças às contribuições das pessoas e que acompanha a existência cotidiana através das alamedas imprecisas do vivido social, ajudando os integrantes de uma comunidade a conquistarem o presente (CASALEGNO, 2006, p.21).

A memória coletiva só toma forma a partir do momento em que toda a coletividade passa a acessá-la e a nutri-la, porque quem faz parte de sua criação são os próprios indivíduos e não as instituições oficiais, e sua reconstrução só se torna possível a partir de lembranças comuns.

As comunicações de massa nos alimentam continuamente de produtos artísticos, culturais, sociais e outros originados do passado. Elas nos propõem novidades desse jeito, mas elas se baseiam na maior parte dos casos sobre esses produtos culturais adquiridos do passado. [...]. Eles apresentam personagens que põem em comum sua cultura, sua experiência, suas lembranças, [...] se baseiam no fato de estimularem a memória de uma cultura compartilhada (VATTIMO, 2006, p.85).

O espaço escolar é o ponto de encontro para que se insira uma metodologia que, segundo Pereira (2013, p.57): “supõe pelo menos duas dimensões de práticas pedagógicas: transmissão de conhecimentos já dados sobre o mundo e produção (ou, minimamente, instrumentalização para essa produção) de conhecimento novo”. Dessa forma, acompanhar a evolução dos meios digitais e inseri-los no ambiente escolar torna-se primordial em todos os níveis de ensino.

¹⁶ Mídias digitais entendidas aqui como o universo ligado à internet e suas comunicações e ciber-representações.

¹⁷ Segundo Lévy (1999, p.17): “o termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Dentro do que é proposto, como forma de instrumentalizar o aluno não só para o campo do conhecimento, mas também para uma reflexão de seu entorno, o espaço da sala de aula deve servir como um laboratório para que o aluno possa experimentar e vivenciar novas metodologias de estudo e pesquisa, ampliando, assim, sua visão de mundo e sua visão de si mesmo.

Para Relá (2011), o uso de recursos tecnológicos na educação passa a ser necessário para a prática pedagógica diferenciada no mundo contemporâneo, que tem por objetivo a apropriação do conhecimento. Ainda segundo a autora, os equipamentos e técnicas computacionais oferecem a oportunidade de mudança da prática tradicional em sala de aula.

Por meio da tecnologia digital, o aluno tem a possibilidade de buscar novos significados nos temas estudados. Essa prática vem a enriquecer o processo de aprendizagem da História, referenciando inclusive as subjetividades até então produzidas sem o contato com os elementos e informações, os quais passarão a fazer parte da vida destas pessoas.

Dentro do trabalho, pretendemos uma abordagem a partir da História temática procurando assim: “assegurar [...] que não haja a dicotomia entre o ensino e a pesquisa, uma vez que a abordagem temática cria a possibilidade de investigação na busca de recuperação das experiências de diversos sujeitos sociais em diferentes temporalidades e espaços” (PEREIRA; GRAEBIN, 2010, p. 178).

Conforme Rüsen (2010), o pensamento histórico acontece no processo temporal da vida humana. A mobilização da consciência histórica faz parte da necessidade de dar significado às passagens do tempo vivenciadas pelo homem, das quais não temos controle, e isso é uma dinâmica constante a ser trabalhada em sala de aula com nossos alunos.

Assim, propomos construir um material de mídia que contemple um conjunto de sentidos da história local embasados nos eixos temáticos: família, trabalho, cultura e lugares: “orientado por três princípios fundamentais: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão, mundial ou local, é um princípio básico do ciberespaço, na medida em que sua dinâmica é dialógica” (LÉVY, 1999, p.127).

Propondo uma ação dinâmica e dialógica, em um primeiro exercício para imersão no cotidiano das comunicações midiáticas, imaginamos a proposta do projeto *Memórias compartilhadas, histórias de meus avós*¹⁸, com as alunas do curso Normal, desenvolvido com

¹⁸ O layout do blog está como Apêndice C. Para visitação, ele está disponível no endereço eletr nico: <<http://memoriascompartilhadahistoriaavos.blogspot.com.br/?zx=4c603f7e2b77778c>>.

registro em blog. Por intermédio desse recurso de mídia digital, buscamos construir sentidos, por meio de temáticas semanais, para as memórias individuais e coletivas dos avós das alunas, compartilhadas em forma de narrativa.

As alunas utilizaram-se da história oral como metodologia para a reconstrução e o registro das memórias. Além dessa fonte de pesquisa, o acervo iconográfico particular de cada avó ou avô também foi usado para ilustrar e recontar as memórias registradas no blog semanalmente. Esse projeto está sendo desenvolvido paralelamente à disciplina de Didática da História e Geografia, ministrada por mim. O objetivo é refletir sobre a importância dos avós na transmissão das tradições, valores, princípios e hábitos. Assim, tem-se presente que:

Uma disciplina não existe por si, ela não tem uma existência a priori. Ela vive em função do exercício investigativo, reflexivo e comunicativo que se faz sobre determinado aspecto da realidade. O que vai caracterizá-la são as peculiaridades do movimento que o sujeito faz, em um determinado tempo, a fim de constituir um universo de referência para a sua prática (PEREIRA, 2013, p.155).

A experiência relatada representa uma possibilidade de estar trabalhando com as alunas um ensino de história local, dentro da disciplina de Didática da História e Geografia, baseado em temáticas, por meio do uso das mídias interativas.

Promover a aprendizagem é compreender a importância da relação ao saber, é instaurar formas novas de pensar e de trabalhar na escola, é construir um conhecimento que se inscreve numa trajetória pessoal. Falar de um olhar complexo e transdisciplinar não é recusar o papel das disciplinas tradicionais, mas é dizer que o conhecimento escolar tem de estar mais próximo do conhecimento científico e da complexidade que ele tem vindo a adquirir nas últimas décadas (NÓVOA, 2009, p.13).

O estudo permite colocar o aluno em contato com fontes históricas e, por intermédio delas, possibilitar a reelaboração de conceitos que representam a primeira imersão no universo das mídias que o estudo pretende. A interação pessoal, a escuta e a construção da narrativa, por meio de blog, permite que se desenvolva não só a área cognitiva, mas também a afetividade, propondo-se a pesquisar sobre diferentes temas para relembrar, instigando-as, dessa forma, a manter vivas as histórias e as vivências de pessoas que fizeram parte de sua trajetória de vida, seus avós.

3.4 Avós em experiências: entre a memória e o blog

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...]

(FREIRE, 1992, p.33).

O objetivo deste capítulo é relatar as experiências obtidas, junto aos avós, por meio de um projeto desenvolvido com as alunas do Curso Normal. O estudo desenvolveu-se sob a perspectiva de entrevistas orais com posterior registro do relato em blog. O ato de recordar passa pela experiência de buscarmos fora de nosso interior as reminiscências de um passado que evoque as lembranças e auxilie a ter uma maior percepção do presente. Essas recordações podem ser construídas tanto de forma individual, quanto coletiva, sendo o modo de lembrar um fenômeno social e individual. Registrar memórias é sempre um ato significativo, pois nos remete a recordações e lembranças¹⁹ de nosso passado, e do passado de pessoas que fazem parte do nosso cotidiano.

A memória passa por flutuações em função da lapidação que o indivíduo faz de suas vivências e de suas recordações, a partir de suas percepções de mundo. Dessa forma, ela está sujeita a constantes transformações, de acordo com o grupo social no qual o indivíduo está inserido. Citando Pollak (1992 apud Boschilia, 2004, p.79): “existe uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade e, nesse sentido, a memória seria um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”.

Dar voz à memória individual é, antes de tudo, dar voz a experiências cotidianas de sujeitos que construíram de forma coletiva a cultura que os cerca e as raízes que compõem a história de um local. Nesse sentido, este estudo considera importante que se traga presente no cotidiano escolar traços das memórias de gerações que fizeram parte da construção enquanto sujeitos históricos e, junto a isso, a participação na construção do cotidiano da história local.

¹⁹ Para que uma lembrança seja reconhecida e reconstruída, os atores sociais precisam buscar marcas de proximidade que os permitam continuar fazendo parte de um mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações, denominados “quadros sociais da memória”. Mesmo que a lembrança corresponda a um acontecimento distante no tempo, o contato com as pessoas que também viveram aquelas situações, ou com os lugares em que elas aconteceram permite a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva (HALBWACHS, 1990, p.61).

A diversidade dos relatos mescla a riqueza da troca de vivências e a recordação do passado que está incorporado no presente por intermédio de lembranças de diversos grupos. Nesse sentido, a escola torna-se um espaço de cruzamento de culturas com tensões e conflitos. Não existem práticas pedagógicas desvinculadas das questões culturais de nossa sociedade.

Segundo Candau (2013, p.15), a escola possui a “responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia, é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações”. A observação da realidade de cada cultura, e de cada sociedade, que vê cada sujeito como ser pensante e agente dentro de uma diversidade, é o ponto de partida para encontrar nessa diversidade o que torna as pessoas iguais.

O ensino de História é o meio pelo qual as crianças e jovens exprimem a sua compreensão do passado e conscientizam-se progressivamente de sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada. Conforme Rüsen (2011, p.12), “a narrativa é a face material da consciência histórica [...]. Pela análise de uma narrativa histórica, ganha-se acesso ao modo como o seu autor concebe o passado e utiliza as suas fontes, bem como os tipos de significância e sentidos de mudanças que atribui à história.”

Dar sentido a essas mudanças, por intermédio da prática pedagógica, torna-se um meio de reconstruir as memórias locais, seja pelos testemunhos orais seja pelo material iconográfico. Neste capítulo, darei vida aos relatos orais coletados dos avós das alunas do Curso Normal do Colégio Regina Coeli, moradores locais e migrantes, que construíram suas trajetórias no município de Veranópolis. Esses relatos, com posterior registro em blog, foram elaborados sob a perspectiva de temáticas, tendo por base as fases de suas vidas, como: cotidiano e história de vida; infância e juventude; namoro e casamento; educação e trabalho.

O Projeto nasceu coletivamente, junto às alunas do 2º e 3º anos do Curso Normal, no período de 22 de junho a 05 de outubro de 2014. Participaram do projeto 18 alunas, algumas com os avós já falecidos, outras com seus avós residindo em outra localidade. A escolha do tema acontecia de forma coletiva, nas aulas de Didática da História e Geografia. Quinzenalmente, escolhia-se um tema que era transportado ao blog para que seguissem posteriormente os relatos.

A coleta dos relatos aconteceu de duas formas: as alunas que possuíam contato mais próximo com seus avós realizaram a entrevista pessoalmente, em uma conversa informal, anotando em um caderno o que os avós relatavam sobre os temas abordados. A maior parte das

meninas, após as anotações das entrevistas com as avós, transcrevia no blog essas memórias²⁰, procurando manter as palavras usadas por quem as narrou. As alunas que não mantinham contato com seus avós, pela distância, optaram por duas alternativas: as visitas no final de semana para a realização das entrevistas, e por intermédio da mídia social *Facebook*. As alunas perguntavam para suas avós sobre o tema, que escreviam sobre suas memórias, via mensagens *inbox*.²¹ Usamos, assim, a teoria de desterritorialização no ciberespaço de Lévy e Lemos (2010):

No ciberespaço, o “eu” também torna-se desterritorializado. Ele está cada vez menos ligado a uma localização física, a uma classe social, a um corpo, a um sexo, ou a uma idade. Isso não significa, evidentemente (seria necessário precisar?), que não teremos mais corpo orgânico, sentimentos humanos, nem relações fundadas na vizinhança física, classes ou faixas etárias. Mas devemos compreender, como mostram diversos estudos sobre a subjetividade e a cultura contemporânea, que nossa identidade se ligará diferentemente aos nossos conhecimentos, centros de interesse, competências sociais e linguísticas (p. 202).

Embora todos os relatos do blog mostrem-se ricos em suas narrativas, os apresentados aqui foram escolhidos sob o critério de atenderem ao quesito de possuírem mais detalhes nas questões relacionadas aos temas escolhidos para os registros das memórias.

A escolha de um meio digital para o registro dos relatos orais justifica-se pelo fato de existir a necessidade de inserir ferramentas tecnológicas nas atividades relacionadas ao ensino de História. Para Caldarola (2013, p.27): “se necesita buscar material para las clases en otros ámbitos que no eran los más habituales de La Historia, por ejemplo, en los medios de comunicación, en internet [...]”. Nessa perspectiva de ação pedagógica, o autor acrescenta a importância de se “buscar de manera permanente la participación activa de los alumnos por medio de producciones tanto escritas como orales, valiéndose de medios más tradicionales y de TIC” (2013, p.28).

Assim, como primeira proposta de tema para esses registros orais, escolheram-se temas ligados ao cotidiano e suas histórias de vida. Sob essa orientação, as memórias foram sendo registradas no blog, como os relatos que seguem.

Me chamo A. P. P., e antes de me casar me chamava Anilva Munaretti Padova, nasci em Veranópolis no dia 18 de maio de 1936, cresci e vivi na casa dos meus pai na Avenida Osvaldo Aranha, Palugana, até os 21 anos. Cursei o Jardim da infância até o

²⁰ Aqui se salienta a importância de se ter o entendimento de que as memórias chegaram ao blog tendo já passado pela escrita das netas (alunas), ou seja, a interpretação delas dessas memórias.

²¹ Mensagem *inbox* é um mecanismo que o *Facebook* disponibiliza, para que as pessoas comuniquem-se por mensagens às quais que somente elas tenham acesso.

5º ano na Escola São José, na atual Soal. Fiz uma prova de admissão para entrar no Ginásio e cursei os quatro anos, depois fui para o internato na Escola de São Carlos de Bento Gonçalves onde fugi do internato no primeiro ano. Depois o seu Mansueto Bernardi fundou o Curso Normal e eu cursei os 3 anos, e me formei. Depois cursei os adicionais na faculdade de Caxias “Comunicação e expressão” em seguida cursei Ed. Física em Porto Alegre. Sempre lecionei os 25 anos na escola estadual Virgínia Bernardi. Casei com 21 anos com Ilírio Pessin. Moramos em Vila Azul durante 25 anos. Depois nos transferimos para a cidade. No Virgínia Bernardi dei aula de Ed. Física e fundei uma banda de meninos e meninas, sendo que foi a primeira banda de meninas na cidade.²²

É evidente a percepção atualizada sobre questões ligadas ao gênero, mesmo em se tratando de uma escola do interior do Estado do Rio Grande do Sul, quadro vinculado à sua formação acadêmica e percepção de mundo, em um momento em que as mulheres estavam ligadas aos afazeres do lar.

D. D. S. nasceu em 10 de maio de 1924, em Encantado, Rio Grande do Sul. Veio a Monte Vêneto (hoje Cotiporã) com quatro anos de idade. Trabalhou como bordadeira para fora e casou com 23 anos com Adolfo Scussel. Foi comerciante no ramo de carnes, bar e supermercado. Teve nove irmãos (quatro mulheres e cinco homens). Dina teve cinco filhos: Dalmo, Lenice, Gustavo, Marta e Fábio. Hoje, Dina está com 90 anos e participa ativamente do Clube de Mães e Grupo da Terceira Idade de Cotiporã. É colorada fanática e uma cozinheira e doceira incomparável.²³

A percepção do presente está ligada ao ato de recordar, implicando compreendê-lo e, a partir dessa compreensão desse entendimento, inferir para uma transformação de época. Os caminhos externos também são importantes para acessar a memória e estão fora do indivíduo. As lembranças presentes em nossa memória podem ser individuais ou coletivas. Para Boschilia (2004, p.76): “ao trabalhar essas lembranças coletivas, o indivíduo lapida-se de acordo com sua percepção e consciência particular que, entretanto, também, estão impregnadas pelos valores forjados pelo grupo no qual está inserido”.

Brincávamos eu e minhas irmãs de boneca de milho e de pano, fazíamos casinha e brincava com terra. Na época perto da casa aonde residia tinha um rio onde tomávamos banho. Estudei até 3ª série, porque tinha que trabalhar na lavoura e ajudar na lida da casa. Minha mãe não era muito participativa comigo e com meus oito irmãos, talvez pela criação que teve ou mesmo por falta de tempo. Lembro-me também que brincávamos de roda com os colegas, de esconde-esconde. E passeava na casa de todas elas. Lembro também que tinha uma professora chamada Glória que por inúmeras vezes me colocou de castigo de joelhos no milho ou no grão de feijão. Na juventude apaixonei-me pelo primeiro e último amor da minha vida, eu era italiana ele caboclo, por este motivo meus pais muito severos que eram não me deixavam namorá-lo. Então sempre fui decidida, e aos 17 anos fugi de casa, no início foi difícil,

²² Relato registrado no blog dia 10 de julho de 2014, quinta-feira, às 14h40min.

²³ Relato registrado no blog no dia 10 de julho de 2014, quinta-feira, às 05h32min.

mas depois viram que ele era um bom moço e que os ajudou mais que alguns filhos o aceitaram.²⁴

A escola é o local onde o indivíduo constrói seus primeiros laços de pertencimento a um grupo social, além do familiar, por isso as escolas caracterizam-se como espaços privilegiados de construção de identidade e memória coletiva. Pensando nessa construção identitária, como forma de dar continuidade aos relatos, foram escolhidas, como temática na sequência do trabalho, as memórias relacionadas à infância e à juventude, pois, conforme Ricoeur:

[...] a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa e, por esse viés, essa identidade cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima. Essa continuidade permite-me remontar sem ruptura do presente vivido até os acontecimentos mais longínquos de minha infância (2007, p.107).

A consciência do pertencimento do eu a um grupo deriva do sentimento de pertencer simultaneamente a vários meios, sendo que essa consciência existe no presente.²⁵ Assim, as alunas foram orientadas a coletarem de seus avós relatos de vivências pertencentes a essa fase de suas vidas, juventude. Como forma de elucidar o registro dos relatos orais, as alunas foram incentivadas a inserir fotos, que os avós possuíam, da época solicitada.

Para Dona Diná, as memórias de sua infância e juventude vão desde costumes herdados de seus pais a amigos do período, associados a objetos que a acompanharam ao longo de sua trajetória:

Estudávamos na Escola Estadual durante a manhã, sendo as professoras vindas de Porto Alegre e Caxias do Sul, além do famoso professor José Mauro de Cotiporã. Tínhamos jogos com bola, como o caçador e o voleibol. Também praticávamos a educação física junto à escola. A tarde trabalhava de bordadeira. Nos domingos íamos à missa e a tarde passeávamos com as amigas, montadas em cavalos, geralmente buscando frutas. Também participava como cantora no Coral da Igreja, cantando nas capelas de Cotiporã em dias de festa. Tenho como lembrança um chapeuzinho de crochê, usado como broche, feito pela grande amiga Assunta Bergamin Farina há mais de 70 anos atrás. Jogávamos também o jogo de tampinhas de garrafa. A vida naquele tempo era bem diferente da de hoje com muita amizade entre as amigas, mas a inveja existia entre algumas pessoas, diz Dina, sobre sua infância e juventude.²⁶

²⁴ Entrevista concedida a aluna G. P. em 22 de agosto de 2014, sexta-feira, postado no blog às 10h43 min.

²⁵ Nesse sentido, para Ricoeur “é para o lado das representações coletivas que devemos nos voltar para dar conta das lógicas de coerência que presidem à percepção do mundo. [...] É nos quadros do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos” (2007, p.133).

²⁶ Relato registrado no blog em 14/07/2014, segunda-feira, às 16h20min pela sua neta, aluna do 3º ano do Curso Normal.

Dona Diná, ao evocar suas memórias pessoais, carrega consigo objeto simbólico que traz à lembrança uma amizade da juventude. Segundo ela: “tenho como lembrança um chapeuzinho de crochê, usada como broche, feito pela grande amiga Assunta Bergamin Farina há mais de 70 anos atrás.”²⁷ Para Ricoeur (2007, p.11-12), “a conservação de si através do tempo implica a interdição do esquecimento.”

Figura 1: Diná Scussel e o objeto pessoal de sua juventude.



Fonte: Acervo pessoal publicado no Blog.

Figura 2: Chapéu de crochê conforme relato de Diná Scussel.

²⁷ Relato registrado no blog em 14/07/2014, segunda-feira, às 16h20min pela sua neta, aluna do 3º ano do Curso Normal.



Fonte: Acervo pessoal publicado no blog.

Os acontecimentos e os objetos são eixos temporais que se tornam referência na trajetória de um sujeito. Segundo Candau (2014), eles podem ser comparados a átomos que participam da composição da narrativa identitária de um sujeito, assegurando, assim, a estrutura de sua identidade. As memórias de Diná permitem uma reflexão que parte da relação sentimental de um objeto material, que ficou resguardado no tempo e, ao ser rememorado em suas lembranças, trouxe à tona o valor imaterial que possui para sua vida.

A memória relacionada ao tema *Infância e Juventude* trouxe depoimentos que demonstram como os acontecimentos da vida de cada sujeito serviram para costurar suas vivências às estruturas sociais de seus espaços temporais.

Da minha infância me lembro vagamente, lembro que ajudava meus pais na roça e fui pra escola por pouco tempo porque o caminho era longe. Lembro de brincar com meus amigos, a Maria, a Irma, o Ego, o Marcos, íamos para escola juntos e voltávamos juntos, brincávamos de passa anel, de pega-pega, de esconde-esconde, pulávamos corda, cantávamos cantigas de roda, subíamos nas árvores.²⁸

Esse relato é importante porque, além de se configurar como uma atividade desenvolvida no ensino médio para o magistério, a lembrança vinda à tona por parte dos avós, suas brincadeiras de infância, significando não somente uma reconstrução da memória, mas

²⁸ Relato registrado em blog no dia 18/07/2014, sexta-feira, às 14h59min, pela sua neta, aluna do 3º ano do curso Normal.

também a possibilidade futura de ter em mãos uma metodologia de aplicação junto a seus alunos. Essa atividade implica munir essas alunas de um conhecimento aplicado na dinâmica em suas aulas de História, para que os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais (PCN, 1997, p.41).

Da minha infância não tenho muitas recordações, mas lembro-me que brincava e cuidava dos meus irmãos em quanto meus pais trabalhavam. Nós ficávamos muito contentes quando chegava o natal, pois, era a única data que ganhávamos presente. Não tinha televisão, nem telefone, era apenas rádio à bateria. Com sete anos comecei a estudar, conclui o quarto ano e fui trabalhar. Meu sonho era ser professora, mas meu pai não me deixou estudar. Eu morava no interior, e não tinha muitas escolhas, pois nós só fazíamos o que nossos pais ordenavam. Na adolescência, eu trabalhava toda semana, e no final da semana, eu saía com meus amigos me divertir em festas, fazíamos piqueniques, e comecei a namorar com quinze anos, e nessa época assistíamos jogos de futebol e assim por diante.²⁹

As transformações nos hábitos relacionados às brincadeiras de infância e as características dos divertimentos da época fazem-nos perceber o quanto se torna mutável o cotidiano em que estamos inseridos.³⁰ Os relatos, permitem-nos refletir sobre o modo de viver que a modernidade trouxe, quando se colocaram em ação mecanismos de interconexão social em nível global, alterando, dessa forma, características íntimas e relacionais ligadas ao nosso cotidiano. As memórias de L. G.³¹, relatadas por intermédio de sua neta, a aluna L. G., mostra o quanto mutável tornaram-se também os hábitos alimentares, o modo de viver e de preparar alimentos com o passar dos tempos:

Para comer a famosa polenta, eles tinham que esmagar o milho com um martelo e como não tinha fogão, penduravam a panela com uma corrente no teto da casa e acendiam fogo embaixo dela para cozinhar. Ela lembra também, que os ovos, eram

²⁹ Relato e registro em blog no dia 18/07/2014, sexta-feira, às 18h34min, pela sua neta, aluna do 3º ano do Curso Normal.

³⁰ Não é objeto deste estudo a análise sobre a negação da memória da infância, ao mesmo tempo é curiosa sua persistência. Tal negação pode estar associada a experiências não tão positivas, abrindo-se, assim, a possibilidade para novos estudos.

³¹ L. G. teve suas memórias relatadas por intermédio dos registros de sua neta, a aluna L. G., que registrou a entrevista no dia 19 de agosto de 2014, terça-feira, às 17h24min.

cozidos nas cinzas do fogo. Luiza trabalhou muito na infância. Tirava areia dos barrancos e ia até o rio para lavar.³²

De acordo com Dery (2012, p.169): “A comunidade é cada vez mais uma memória.” Pensando em consonância com o autor, reforçamos a importância de um olhar para a reflexão de que, por intermédio desses relatos junto aos alunos, existe a possibilidade de traçar paralelos das continuidades e transformações a que a sociedade está sujeita, bem como as mudanças no modo de conviver, comunicar-se e, até mesmo, traçar metas relacionadas à vida pessoal e profissional. As memórias até aqui referenciadas também sugerem seu uso nas práticas de ensino de História, seja nas séries iniciais seja ao longo de toda a educação básica.

A maioria dos professores era de Porto Alegre. De Veranópolis havia a professora Sueli Farina, e de Monte Vêneto (hoje município de Cotiporã) tínhamos o famoso professor José Mauro, que além de ensinar todas as disciplinas, como Português, Matemática, História, Geografia, Desenho e trabalhos manuais, era um excelente músico, atuando na Banda de Música de Cotiporã. Os trabalhos manuais eram diversos, bem como trabalhos com pintura. Não existiam muitos livros, mas comprávamos a “Seleta” do 5º ano. Na maioria das vezes os professores escreviam no quadro negro e nós copiávamos em blocos, passando a limpo em cadernos. O uniforme era de saia azul marinho pregueada. A blusa, o tênis e as meias eram brancas. O aprendizado escolar de bordado foi ensinado pela professora Cenira Velho, de Caxias do Sul, e foi o que possibilitou que mais tarde eu pudesse bordar para outras pessoas, ganhando meu dinheiro.” Diz Dina sobre sua educação e seu trabalho (D.S.).³³

Destacamos, nesse relato, a aplicação dos trabalhos manuais como posterior aplicação para a sua vida doméstica. Fica claro, nas memórias de Diná, que o ensino possuía um cunho voltado a desenvolver as habilidades manuais nas meninas, situação semelhante das memórias da avó da aluna J. B.³⁴, quem, mesmo sem frequentar a escola, teve as mesmas habilidades desenvolvidas: “Minha avó, Santana, também era analfabeta não sabia escrever nem seu nome. Sempre foi criada para ser dona de casa; sua mãe a ensinou a bordar, cozinhar, lavar, passar e todas as funções que exerceu sua vida toda, cuidando muito de todos”.³⁵

³² Relato com registro no blog no dia 19/08/2014, às 17h24min, pela sua neta, aluna do 2º ano do Curso Normal.

³³ Entrevista dada em 05 de setembro de 2015 para a neta, a aluna do 3º ano do Curso Normal.

³⁴ Optei por omitir o nome da aluna visto que usou-o para transcrever toda a entrevista, não sendo necessária novamente sua exposição.

³⁵ Depoimento dado à aluna J. B. em 06 de outubro de 2014, segunda-feira, às 16h38min.

Figura 3: Diná (vestido *petit-pois*) passeando com as amigas em frente à escola, por volta de 1945.



Fonte: Acervo familiar.

As fontes iconográficas trazem em seus detalhes a possibilidade da leitura de transformações e continuidades na paisagem de um local, nos hábitos dos sujeitos, bem como a evocação de lembranças de acontecimentos temporais que fizeram parte da construção identitária do indivíduo e do coletivo de uma determinada época.

A partir da análise do conteúdo do blog, que são as vozes silenciadas, busquei demonstrar o potencial que possuem as fontes produzidas no âmbito privado como fotografias, cartas, objetos pessoais de valor material e imaterial.

4 FONTES POTENCIAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

O objetivo do trabalho com fontes potenciais é auxiliar o aluno a construir os conceitos de mudanças e continuidades identificados no espaço de permanência, no caso estudado, ao espaço local.

As fontes históricas são os meios por intermédio dos quais os sujeitos buscam reconstruir sua trajetória no tempo e no espaço, elaborando sua memória na ordenação e releitura dos vestígios de suas lembranças, “nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo” (LE GOFF, 2013, p.433).

A memória constitui-se um elemento essencial quando da construção da identidade, seja ela individual seja coletiva, cuja importância representa “o patrimônio de experiências acumuladas e sempre renovadas a qual a mídia está implicada” (MARZANO, 2006, p.233).

É consabido que a memória pode ser compartilhada, mas não necessariamente experimentada no conjunto. Os sujeitos carregam suas experiências individuais, suas vivências cotidianas, as quais são o verdadeiro peso da memória; logo, as experiências que são vividas por todos aumenta a memória coletiva. “De fato, o ato de memória que se dá a ver nas narrativas de vida, ou nas biografias coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido, mas o que fica do vivido” (CANDAUI, 2014, p. 71).

A memória faz parte da arte da narração, nela está envolvida a identidade do sujeito. Assim, no blog *Memórias compartilhadas, histórias dos avós*, a utilização da fonte oral transcrita posteriormente em relato escrito teve o intuito de buscar, junto aos alunos e a seus avós, temas que fizeram, e fazem parte das vivências construídas no cotidiano local. Temas como trabalho, gênero, família e educação foram abordados como forma de analisar as concepções de que mudanças e permanências em suas representatividades sociais construídas ao longo dos anos, como o tempo e as práticas sociais, modificaram o entendimento desses temas, bem como sua abordagem na contemporaneidade. Lembrar-se do vivido é estar, de certa forma, ordenando a representação temporal do indivíduo, distinguindo o passado do presente, fazendo-os conhecer e compreender um pouco a trajetória de seu projeto de vida. Pensar o tempo supõe classificá-lo ordená-lo, denominá-lo e datá-lo (CANDAUI, 2014, p. 85).

No blog desenvolvido junto com as alunas do curso Normal, foi utilizada como fonte primária de pesquisa a história oral, ou seja, os relatos das avós das alunas. A troca de saberes que se estabeleceu durante as entrevistas foi muito significativa porque algumas alunas

relataram que, pelo fato de existir o projeto e ele fazer parte de suas tarefas de aula, propiciou visitas mais frequentes à casa das avós. Outras discentes, ainda, expuseram que jamais teriam tido a ideia de conversar com seus avós assuntos relacionados a essa temática.

Os dados da pesquisa apresentados neste estudo, no capítulo 5, revelam que 17%, do total das 14 entrevistas, optaram por trabalhar com relatos familiares, o que nos instigou a desenvolver um novo olhar sobre formas de potencializar estas fontes disponíveis no uso do ensino de História.

Esse dado corroborou que 43% das professoras entrevistadas estavam em seu início de carreira – 08 a 15 anos – o que fortaleceu nossa iniciativa de buscar a potencialização de fontes já existentes, por meio de um novo olhar, aliando sua exploração ao uso da tecnologia digital. Desenvolvemos primeiramente esse projeto com as alunas do 3º ano do curso Normal, agregando o percentual da pesquisa de que 14% estão entre um e sete anos de magistério, ou seja, bem no início de sua carreira, percentual que as farão parte ao ingressarem na profissão.

A pesquisa realizada no início deste estudo fez nascer a possibilidade de se trabalhar com várias fontes e metodologias de ensino de História. O objetivo, porém, foi de potencializar fontes já existentes, a partir de um novo olhar sobre elas, voltado para uma metodologia que contemple o ensino com valorização de temas cotidianos, que possam ser agregados de forma transversal ao currículo, com o uso das mídias digitais.

Como primeira fonte explorada, optamos pela história oral. O ato de lembrar possibilita o entrecruzamento de experiência em comum, de diferentes grupos, que funcionam como uma reafirmação da veracidade de uma evocação individual. Segundo Ricouer, “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (2007, p.107), assim, as memórias coletadas partem das experiências individuais de cada avó e avô, que, inseridas em um contexto social comum, remetem-nos à identificação de vários aspectos sociais e culturais de uma época vivida.

A partir das narrativas coletadas pelas alunas, surgiram em nosso estudo vários subtemas que se tornaram pertinentes na análise, sendo eles: aspectos ligados às mudanças da visão social relacionados às questões de gênero; aspectos ligados à área econômica, social e cultural do contexto em que cada sujeito entrevistado encontra-se inserido. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros membros” (RICOUER, 2007, p. 133).

As possibilidades de um trabalho por subtemas, surgidos após análise dos relatos, direcionou este estudo para uma análise de possíveis formas metodológicas que pudessem

viabilizar essas abordagens junto aos alunos da educação básica, elencando aspectos importantes de cada item.

4.1 O blog e as questões de gênero

O estudo deste capítulo analisa as fontes e seus desdobramentos temáticos nascido dos relatos coletados dos avós e seu registro no blog. A riqueza com que se apresentaram possibilitou que vários temas fossem abordados a partir das memórias individuais e coletivas relatadas nas narrativas.

“É no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada as marca do social” (RICOEUR, 2007, p.133). Essas marcas estão inseridas em diferentes ambientes espaciais e temporais onde o tempo humano é articulado sob forma de narrativa. Por intermédio dessas marcas do social é que identificamos as transformações ligadas às representações de gênero construídas no decorrer do tempo. Os relatos demonstram claramente as formas que as mulheres foram ocupando seus espaços dentro do coletivo social, a partir das escolhas profissionais e pessoais que se encontravam ao seu alcance no período.

O estudo feito teve como enfoque as possíveis formas, a partir desses relatos, de desenvolver uma metodologia aplicada ao ensino de História nas séries iniciais, mais precisamente na história local, enfocando a memória e identidade de determinado grupo social. Iniciamos esta análise metodológica enfocando um dos relatos sobre a vida de uma estudante do ginásio na década de 1940, que conseguiu sair do parâmetro estipulado pela sociedade e teve a iniciativa de formar uma banda mista de meninos e meninas. Segundo A. P.: “no Virgínia Bernardi dei aula de Ed. Física e fundei uma banda de meninos e meninas, sendo que foi a primeira banda de meninas na cidade”.

Um dos primeiros pontos a ser explorado no fragmento do relato refere-se ao aspecto ressaltado por A.P., de ter sido a fundadora da primeira banda mista de meninos e meninas. Mediante as informações que os relatos trazem à tona refletimos sobre a trajetória que as mulheres trilharam para conseguir ultrapassar as fronteiras do espaço privado para o público, buscando uma identidade própria. Conforme Perrot (2005), criam-se escolas Normais para professoras primárias e essa profissão tornou-se uma ambição digna para as filhas da pequena burguesia e das classes populares, rurais e operárias. Em consoante, a autora acrescenta que essas profissões inscrevem-se no prolongamento das funções “naturais, e as professoras primárias são consideradas as primeiras intelectuais” (PERROT, 2005, p.126).

Os relatos que abordam as questões de gênero requerem do professor um conhecimento do contexto em que foram produzidos bem como uma reflexão antecipada sobre as representações sociais que constituem o universo feminino da sociedade em suas diferentes épocas. As práticas socioculturais em ação na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento do relato – estão imbricadas com as relações masculinas/femininas reais e, como elas, são produtos de uma história (PERROT, 2005, p.43)

O relato da avó para sua neta, a aluna C.F., deixa explícita a construção das representações sociais em torno do papel da mulher na sociedade e na família, a qual relata: “Depois de me tornar adulta, trabalhei como cozinheira na Escola de Ensino Fundamental Irmão Artur Francisco, por quase 30 anos, aposentando-me. Hoje ainda faço cursos de costura para me manter atualizada e informada das novas ‘modinhas’. Adoro costurar e vou deixar para ti, Chai, um enxoval completo”³⁶.

Se as abordagens dos relatos adentram no âmbito das relações de gênero e lar, as narrativas também tecem construções relacionadas às brincadeiras direcionadas às meninas, cuja análise do relato permite distinguir as transformações que o tempo trouxe tanto no que se refere à passagem da infância, quanto às práticas no ambiente escolar.

Brincávamos eu e minhas irmãs de boneca de milho e de pano, fazíamos casinha e brincava com terra. Na época perto da casa aonde residia tinha um rio onde tomávamos banho. Estudei até 3ª série, porque tinha que trabalhar na lavoura e ajudar na lida da casa. Minha mãe não era muito participativa comigo e com meus oito irmãos, talvez pela criação que teve ou mesmo por falta de tempo. Lembro-me também que brincávamos de roda com os colegas, de esconde-esconde. E passeava na casa de todas elas. Lembro também que tinha uma professora chamada Glória que por inúmeras vezes me colocou de castigo de joelhos no milho ou no grão de feijão.³⁷

Diferentes formas de exploração podem ser estabelecidas a partir dos relatos coletados no blog pelas avós como, por exemplo, as linguagens que a fotografia permite analisar, as diferentes formas do modo de viver, costumes e até mesmo vestimentas de uma determinada época.

Figura 4: Carnaval na antiga SOAL com o namorado e atual marido.

Figura 5: Passeio com o marido (*in memoriam*) quando namorados, em Cotiporã.

³⁶ Depoimento dado à aluna C. F. em 14 de setembro de 2014, domingo, às 15h48min.

³⁷ A avó optou por não colocar seu nome no relato, sendo somente transcrito no blog pela neta, a aluna G.P. no dia 22/08/14, sexta-feira, às 10h43min.

Figura 4



Figura 5



Fonte: Acervo pessoal de A.P.

Como evocação da memória social, as fotos e os relatos acima possibilitam que se ressaltem na análise aspectos ligados à cultura da localidade, no caso o município de Veranópolis, estabelecer relações identitárias entre o particular e o geral, como festejos ligados ao carnaval, na época retratada e na atualidade, brincadeiras de infância, o cotidiano da sala de aula, e as relações afetivas que se estabelecem com a convivência dos diversos grupos que permanecem nas lembranças dos sujeitos.

4.2 O blog e a análise do cotidiano dos avós

As vivências cotidianas contidas nos relatos servem de subsídios para análise junto aos alunos dos hábitos que permanecem no dia a dia das famílias e na história local. Os avós abordaram memórias de locais e de espaços de convivência que ainda hoje são ocupados pelos moradores do município de Veranópolis. Os relatos coletados foram se mostrando riquíssimos em histórias de vida muito diversificadas. A partir deles analisamos desde avós que tiveram a

possibilidade de frequentar a escola até avós que, por falta de condições, não tiveram esta chance. Como exemplo, trazemos o relato dos avós da aluna J. B.

Meus avós moravam na roça. Meu avó era analfabeto, sabia apenas escrever seu nome e fazer contas, nunca frequentou a escola, aprender a escrever seu nome foi a única forma que lhe foi ensinado algo. Sempre trabalhou na colônia, possuía animais e parreirais de uva. Tinha, além disso, um alambique, onde produzia a "graspa do Bépi", como era conhecida por todos. Sempre trabalhou muito, para ajudar a sua família e para, posteriormente, criar seus 9 filhos. Minha avó, Santina, também era analfabeta, porém, não sabia escrever nem seu nome. Sempre foi criada para ser dona de casa, onde sua mãe a ensinou a bordar, cozinhar, lavar, passar e todas as funções que exerceu sua vida toda, cuidando muito de todos.³⁸

Dentre os relatos, destacamos alguns que são pertinentes à análise junto aos alunos no que se refere aos hábitos diferenciados entre as meninas e os meninos na época, narrados pelos avós. As reminiscências não ficam somente escritas na página do blog, mas ultrapassam as fronteiras do ciberespaço para uma análise de cada relato junto com os alunos em sala de aula, comparando as permanências e as transformações nos hábitos cotidianos. O avô da aluna J..P. retrata as memórias de sua vida escolar da seguinte forma: “Eu (Luiz) estudava na Capela São Pedro – Linha 7 de Setembro, não sei ler nem escrever até os dias atuais, estudei até a 2ª série, mas em matemática ensinava até meu professor, o senhor Guerino Cosmo Rigon”.³⁹ Paralelo a esse depoimento, o avô I. P. relata que:

Os meus primeiros três anos de escola foram na escolinha de Vila Azul. Todas as turmas estudavam juntas e a nossa professora era a Dona Guilhermina Sassi, nós a respeitávamos muito, nunca faltei com respeito a ela. (...) Lembro que estudava somente com uma pedra lisa e uma pedrinha branca, então escrevia na pedra lisa com a pedrinha branca, depois eles tinham um pedaço de pano velho, apagavam e continuava escrevendo.⁴⁰

As memórias de A. P. trazem as recordações da infância e as diversas formas de brincar, que permearam o cotidiano de uma época:

Minha infância inteira eu vivi na Palugana. Na rua, na calçada de nossa casa, havia uma banca, e quando já era noitinha, os pais da vizinhança sentavam-se lá, para conversar, tomar chimarrão, enquanto cuidavam os filhos brincarem na rua. Tudo era muito calmo, a estrada era de chão e não haviam muitos carros, então podíamos brincar a vontade, além de que éramos um grupo bem grande de crianças. Brincamos

³⁸ A aluna usou a narração enfatizando o tempo passado, usando a terceira pessoa do singular para expor o relato. A entrevista foi transcrita no blog, pela aluna, no dia 06/10/2014, segunda-feira, às 16h38min.

³⁹ Entrevista registrada, pela aluna, no blog no dia 1º/09/2014, segunda-feira, às 16h30min.

⁴⁰ Entrevista registrada no blog no dia 07/09/14, domingo, às 10h14min.

muito de Caracol (amarelinha), esconde-esconde, pega-pega, além de que na antiga oficina, duas casa depois da minha, antes era banhado, então e nós entrávamos lá para brincar, para se atolar. E depois que chovia, o banhado enchia e nós podíamos entrar na água. Eu e minha irmã levávamos nossas bonequinhas de porcelana e pegávamos as latas de sardinha que minha mãe ia por fora para fazer de barquinho, passeávamos com as bonecas de barco pelo banhado.⁴¹

Por intermédio desses relatos tem-se a possibilidade de desenvolver uma metodologia voltada à identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e das instituições escolares, tais como: número de filhos, divisão de trabalhos entre sexo e idade, costumes alimentares, vestimentas, tipos de moradia, meios de transporte e comunicação, hábitos de higiene, preservação da saúde, lazer, músicas, danças, lendas, brincadeiras de infância, jogos, os antigos espaços escolares, os materiais didáticos de outros tempos, antigos professores e alunos.⁴²

No capítulo 3 deste estudo, sobre as narrativas de Veranópolis, abordaram-se vários depoimentos registrados nos livros existentes sobre a história local. Desses relatos participaram sujeitos pertencentes a gerações de famílias pioneiras vindas da Itália, Polônia e Alemanha. Dentre os aspectos contidos nessas histórias estão as manifestações dos familiares, exaltando os feitos deixados pelos seus antepassados que ainda hoje permanecem nas páginas da história oficial.⁴³ Em contrapartida, os relatos do blog constituem um acréscimo à historiografia do município, ressaltando aspectos de sujeitos que não têm sua história contada nas páginas oficiais, mas que contribuíram muito para a construção da história local.

Nesse sentido, há várias possibilidades de trabalhar as permanências e as transformações no cotidiano local. Em um primeiro exercício para o estudo, analisamos os relatos associados a fotografias contidas no blog, fazendo um exercício de comparação, como:

- (1) O que os relatos trazem de diferenças entre si?
- (2) Quais os aspectos contidos na história dos livros e nos relatos do blog que mais chamaram atenção?
- (3) Estabeleça um paralelo dos modos de viver no presente e na época dos avós que ainda existem no espaço local.
- (4) Quais as brincadeiras que estão no relato que fazem parte da sua infância?

⁴¹ Entrevista registrada no blog pela neta no dia 1º/08/2014, sexta-feira, às 10h16min.

⁴² Aspectos que os PCN enfatizam como primordiais ao ser estudado a história local e do cotidiano.

⁴³ Conforme citações das páginas 37 e 38 deste estudo.

(5) Compare os hábitos do seu cotidiano com o cotidiano relatado na época dos seus avós.

O intuito, ao questionar as professoras sobre a utilização dos relatos familiares, como metodologia no ensino da história local⁴⁴, foi o de estar mediando a análise junto com os alunos no sentido de que despertem para uma consciência da importância do olhar sobre as permanências e as modificações temporais e espaciais que fazem parte da constituição do sujeito histórico. Ao colocar o aluno em contato com relatos pessoais: “os estudantes são levados a contemplar o espetáculo da diferença alheia. Conhecer o outro ensina muito sobre nós mesmos. Aprender a história dos outros é entender um pouco sobre o que somos e, sobretudo, acumular experiências diversas” (PEREIRA; GRAEBIN, 2010, p.172).

Conforme Virílio (2006, p.92),” a memória virtual se configura como uma presença, ela atualiza a memória viva na interação”. Nesse sentido, a tecnologia funciona como uma espécie de telescópio do momento e do acontecimento no espaço e no tempo. Ela pode ser denominada, também, como uma linguagem de comunicação, cujas interações acontecem de forma coletiva. Consoante esse pensamento, Pierre Levy (2006) fala que estamos criando dentro do ciberespaço um ambiente coletivo para as comunicações, em meio a um espaço englobante, cujos recursos técnicos para o uso de ferramentas digitais estão ao alcance de todos.

Ao serem questionadas sobre o material de mídia utilizado para suas aulas, o uso do blog não foi contemplado pelas professoras entrevistadas. Embora esse dado seja relevante, a análise partiu do pressuposto de que tudo o que é desconhecido gera estranhamento e não se leva em conta seu uso em sala de aula. Pensando sob esta perspectiva, questionamos: por que não investir na formação de profissionais que estão iniciando suas experiências em sala de aula? Por que não a escolha do desenvolvimento de um blog dos avós junto às alunas do curso Normal?

Cruzando essa constatação com os dados de que 67% das entrevistadas estão no início de carreira, com um a cinco anos de atuação, encontramos nessa premissa a importância de possibilitar o conhecimento do uso de um mecanismo digital que possibilite a construção de uma narrativa de histórias de vida, que possa contribuir com a interação dos sujeitos locais. Cabe frisar que “o ensino de História necessita superar a visão de linearidade e apresentar-se como uma metodologia que relacione vida-informação-construção de conhecimentos” (PEREIRA; GRAEBIN, 2010, p.178).

⁴⁴ Conforme gráfico da página 47 deste estudo.

O estudo de uma história temática, aliada ao uso de meio digital, possibilita a compreensão de que a história se dá por intermédio de um processo em que é permitido problematizar o presente a partir de informações vindas da realidade dos alunos, dando a eles a percepção de que são sujeitos que vivem em um presente resultante de muitas histórias que se entrelaçaram no tempo, de descontinuidades e permanências, vivificadas pela evocação da memória e de múltiplas identidades.

4.3 O blog e a análise do trabalho e da família

Inicialmente, quando são abordadas as recordações ligadas à família e ao trabalho, entendemos que a memória está sob o condicionamento das mudanças às quais é submetida com o passar dos tempos. Há, em cada sujeito, a lembrança de dois tempos: o passado e o presente, e isso implica a conservação de dois quadros de pensamento. Dentro dessa perspectiva, faz-se necessário um equilíbrio para localizar as lembranças pertencentes a cada um. “Um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida” (HALBWACHS, 1990, p.81).

A história torna-se uma narrativa cujos acontecimentos, tradições e perspectivas para o futuro apropriam-se, muitas vezes, de uma visão cujos aspectos são renovados, e que se, aparentemente, subsistem dentro dos mesmos grupos, é pelo fato de que as divisões exteriores que resultam os lugares, os nomes e a natureza geral da sociedade também subsistem ao passar dos tempos. Conforme Halbwachs (1990), porém, não há linhas nitidamente traçadas no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, mas somente limites irregulares e incertos. O presente não se opõe ao passado, porque, para a análise histórica, os dois períodos têm realidade, tanto um quanto outro. Para Ricoeur (2007, p. 277), “reatamos o fio interrompido de nossas reflexões sobre a dialética de ausência e de presença iniciada no âmbito de uma história de representações sociais”.

As representações sociais em torno dos temas *trabalho* e *família*, construídas pelos sujeitos nesse estudo analisado, estão ligadas às raízes de um trabalho voltado à subsistência dos primeiros imigrantes e nos primórdios da fundação de empresas pioneiras do município de Veranópolis, e na gênese do trabalho feminino com a educação e com o ofício do lar e da costura. Iniciamos a análise a partir do relato do avô L. P., o qual comenta que: “sempre trabalhamos, desde pequenos na roça, e foi assim até os 33 anos quando eu comecei trabalhar na E.R Amantino, depois fui para a Oleoplan S.A. e, por fim, na Alpargatas até a minha

aposentadoria”⁴⁵. Das empresas citadas por L.P. duas ainda movem a economia do município que são a E. R. Amantino, que neste ano comemora 60 anos de atuação no município, e a Oleoplan, que também move a economia do município desde a década de 1980. O relato do avô torna possível fazer uma ponte entre o passado e presente, pois atualmente as gerações dos familiares encontram-se desempenhando suas atividades profissionais nessas duas empresas de Veranópolis. Como afirma Halbwachs: “esses grupos novos, essas novas gerações, são na maioria das vezes apenas subdivisões de uma sociedade que se ampliou, ramificou, sobre a qual conjuntos novos vieram enxertar” (1990, p.87).

No início deste estudo, salientamos a importância de desenvolver um estudo a partir das fontes do cotidiano, abrindo, assim, a possibilidade de uma análise mais plural, evidenciando as características do local, muitas vezes silenciadas. A construção da narrativa de histórias de vida dos avós associada à utilização de um meio digital, no caso o blog, abriu espaço para a busca de uma análise escrita do cotidiano de sujeitos locais juntamente com a utilização de fonte iconográfica pertencente a eles.

Partindo-se das premissas de Pollak (1992) e Halbwachs (1990), as gerações atuais pertencem às ramificações construídas na sociedade cuja memória é entendida como um fenômeno submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. De acordo com esse entendimento, colocamos, como primeiro pressuposto de análise, as permanências e as discontinuidades que os relatos escritos, associados à linguagem iconográfica, trazem em sua composição.

Nas construções da memória do avô I. P., estão presentes aspectos relacionados ao trabalho que se iniciou junto a sua família.

Tivemos bastante empregados na fábrica de explosivos que era uma sociedade do pai e mais dois homens. E também na fábrica de tintas automotivas. Na colônia nós tínhamos criação de porcos e também parreirais de uva Itália e pêssegos que eram todos empacotados na planta com saquinhos de papel celofane para não pegar bichos e nenhuma peste. Os pêssegos e as uvas eram enormes. Como tínhamos a fábrica de palhas que foi construída, fizemos muitas casas para abrigar os empregados, então eu com 10 anos já comecei a trabalhar, eu já dirigia a camionete. Na fábrica de palhas, nós comprávamos carroçadas de palha bruta que vinham da colônia de todas as partes e de todos os tamanhos, formas, espessuras... Quando chegavam aqui, elas eram cortas[sic] de diferentes tamanhos, ai eram classificadas pela espessura, por melhores, piores, pelos tamanhos e cores. Então as meninas amarravam as palhas com um barbante em maços de 25 palhas. Elas eram colocadas em uma prensa com era passado papel celofane ao redor e eram rotulados todos os macinhos. Antes de serem despachadas, as palhas eram colocadas, em um local como se fosse uma bote, e lá

⁴⁵ Entrevista registrada no blog no dia 1º/09/2014, segunda-feira, às 16h30min pela neta J. P. aluna do 3º ano do Curso Normal.

queimávamos enxofre e a fumaça deixava as palhas mais claras e bonitas. Depois todas as palhas eram carregadas em caminhões aqui de casa e a cada 15 dias um caminhão saía carregado para entregar palha em São Paulo, todas palhas só eram mandadas para São Paulo, na fábrica de cigarros que se chamava “Irmãos Caruso”.⁴⁶

As imagens a seguir acompanham o relato escrito no blog:

Figura 6: Fábrica de palhas Satélite da família Pessin.



Fonte: Acervo pessoal de I.P.

Figura 7: Caminhão que carregava as palhas para São Paulo.



⁴⁶ Entrevista registrada no blog no dia 07/09/2015, domingo, às 10h14 min por sua neta, Layna, aluna do 3º ano do curso Normal.

Fonte: Acervo particular de I.P.

Figura 8: Carroça que fazia o transporte das palhas.



Fonte: Acervo pessoal de I. P.

Figura 9: Funcionários da fábrica de palhas Satélite.



Fonte: Acervo pessoal de I. P.

Figura 10: Funcionários da fábrica de palhas Satélite.



Fonte: Acervo pessoal de I.P.

Figura 11: Pedreira pertencente à família Pessin.



Fonte: Acervo pessoal de I.P.

Figura 12: Parreiral da família Pessin.



Fonte: Acervo pessoal de I.P.

Figura 13: Plantação de pêsegos da família.



Fonte: Acervo pessoal de I.P.

Figura 14: Criação de porcos da família.



Fonte: acervo pessoal de I.P.

Como ponto de partida para uma construção analítica, tanto do relato escrito, quanto da fotografia, podemos analisar alguns aspectos a serem observados junto com os alunos, como

forma de direcionar o olhar para as discontinuidades e as permanências nos aspectos relacionados ao trabalho no município:

→ As mudanças nas etapas do processo de fabricação de um produto: da manufatura caseira à industrialização no município.

→ Meios de transporte utilizados para o carregamento de produtos na época relatada e atualmente.

→ A divisão de trabalho entre homens e mulheres ainda existe atualmente? Como você analisa essa questão na atualidade.

→ Quais as atividades industriais e agrícolas retratadas nas fotos e no relato que ainda fazem parte da economia do município?

→ Ainda existe a fábrica de palhas no município de Veranópolis? Caso sim, onde se localiza?

→ Quais os trabalhos realizados no município que ainda envolvem o trabalho manual?

→ Analise os sujeitos retratados, bem como a casa retratada como “Palhas Satélite”. Você conhece sua existência? Qual bairro de Veranópolis a Casa pertence?

→ Quais as atividades retratadas acima que estão relacionadas ao cultivo realizado na zona rural do município?

→ Como você percebe a paisagem do município nas fotos? Quais os aspectos que mais lhe chamaram a atenção?

→ Das empresas citadas nos dois relatos, identifique quais ainda desenvolvem suas atividades no município? Atualmente onde se encontra a maior parte das indústrias de Veranópolis e qual é o produto fabricado por elas?

As possibilidades surgidas a partir da construção e do desenvolvimento do blog permitiram que as práticas se desmembrassem, e que fontes de acervos pessoais se tornassem objeto de análise quando introduzidas no espaço da sala de aula. As entrevistas, bem como os relatos feitos pelos avós, aguçaram um estudo voltado à análise dessas fontes iconográficas, fazendo o aluno direcionar o olhar para a identificação das permanências e das discontinuidades que possibilitam a partir de suas leituras.

Da rede de relações que se estabelece, a partir da leitura das diferentes linguagens, escrita e imagética, nasce um olhar para os tempos históricos que se encontram e despertam no

aluno um interesse maior pelas raízes que compõem a história local, tanto no âmbito da memória individual quanto coletiva.

4.4. O blog e as gerações: o encontro dos diferentes tempos

Os relatos familiares tornam-se importante fonte para uma análise da teia que se tece com o passar do tempo, os entrecruzamentos das relações que se estabelecem nas gerações proporcionam diferentes formas de evocar o passado para uma leitura do presente, uma leitura voltada às continuidades e descontinuidades temporais e espaciais. A memória de cada sujeito insere-se na coletividade, dando contornos às construções identitárias que se edificaram na história local.

O uso do blog, como ferramenta metodológica para o desenvolvimento do projeto, proporcionou às alunas, e aos avós que estiveram envolvidos, a possibilidade de terem suas memórias, não somente relatadas a quem faz parte da sucessão geracional, mas também a oportunidade do registro compartilhado com os demais sujeitos que fazem parte do seu entorno social. Assim, posso dizer que o estudo realizado reafirma o entendimento de Gonçalves⁴⁷ no que se refere à proximidade e à contiguidade das relações que os sujeitos que compõem o lugar estabelecem entre si.

O diálogo pretendido entre o conhecimento acadêmico e o ensino de História é favorecido quando se proporcionar esse aprendizado voltado ao contexto social e às vivências dos agentes que compuseram a história local. As fotos abaixo deixam claras as marcas que os sujeitos carregam de seus familiares. Tornar possível o contato entre gerações é tornar possível, inclusive, a compreensão de que pedaços de sua história cotidiana ajudam à composição da história de sua localidade. Essa inserção transpassa o local, inserindo-se em um contexto regional e global.

⁴⁷ Conforme definição deste estudo na p.24 utilizada de história local.

Figura 15: Aluna Lizandra com sua avó.



Fonte: Blog “Memórias compartilhadas, histórias dos avós”.

Figura 16: Aluna Ana Paula e sua avó.



Fonte: Blog “Memórias compartilhadas, histórias dos avós”.

A composição identitária desses sujeitos é marcada pelo entrelaçamento de memórias e das vivências, trazendo à tona a dialética da ação-reflexão-ação, cujas diversas identidades que compõem o universo dos alunos são postas em evidência para a análise e a reflexão das articulações e representações sociais construídas no local no qual se inserem. Vattimo denomina a memória como um “cofre do ser” (2006, p. 84). Para esse filósofo: “a comunidade vive da memória comum, e isso é um dado adquirido. As comunicações de massa alimentam-nos continuamente de produtos artísticos, culturais, sociais e outros originados do passado. Elas nos propõem novidades desse jeito, mas se baseiam na maior parte dos casos sobre esses produtos culturais adquiridos e presos ao passado” (2006, p. 85).

Da mesma forma, pode-se afirmar que o cotidiano de um local, principalmente nos costumes de seus habitantes, mantém muito das gerações que antecederam a convivência nesse espaço, mesmo inseridos na contemporaneidade. Esses sujeitos reproduzem o que lhes foi ensinado, herdado e também traços característicos de quem os gerou. Se isso acontece na memória individual, inevitavelmente ela será compartilhada nas vivências junto ao coletivo, em que as memórias fundem-se e os traços identitários vão se moldando.

Em um ambiente de aprendizagem, como o da sala de aula, é de suma importância que esses traços sejam fontes de estudo para as aulas de História, pois eles mesclam elementos do passado com as contribuições do presente. Os relatos familiares revelam-se uma fonte riquíssima para a reconstrução do passado, porque contêm detalhes de como um sujeito construiu sua trajetória em um determinado contexto social, e como as representações construídas coletivamente foram moldando as memórias individuais e sua identidade.

Ao serem questionadas se o projeto *Memórias...* acrescentou aprendizados, as respostas mostram-se de um valor muito positivo para suas vivências pessoais. As respostas não levaram em conta somente a questão do ensino, mas sim a experiência da troca entre netas e avós, que, segundo as alunas, foi valiosa. A seguir, seguem os relatos da experiência de algumas alunas:

Participar do blog *Memórias compartilhadas, histórias dos avós* me fez repensar sobre o modo de vida de meus avós paternos e manter viva estas histórias. Ver meus avós com um largo sorriso no rosto compartilhando histórias vividas por eles foi muito gratificante. Às vezes percebia uma tristeza em algumas histórias, saudades dos tempos que viviam e de pessoas queridas que viveram e fizeram parte dessas histórias. Muitos não valorizam essas pessoas tão queridas que nos ajudaram a crescer e nos constituir enquanto pessoas, mas eu tenho orgulho em dizer que sou neta do Seu Luiz e da Dona Irema [...].⁴⁸

Entrevistar e procurar conversar com meus avós a respeito de suas vidas, foi de suma importância para que eu compreendesse mais a vida dos dois. Com o trabalho virtual

⁴⁸ Depoimento de J. P. aluna do 3º ano do Curso Normal.

proposto pela professora Izabel Cristina, pude observar que antigamente tudo era diferente. As condições de meus avós, por exemplo, não eram as mais favoráveis, entretanto eles estão aqui firmes e fortes. Agradeço pela oportunidade de fazer um trabalho diferenciado como esse e, parabênzo a iniciativa! Tive a prova, através do mesmo, que as memórias são a única coisa que nos provam que realmente o que vivenciamos vale ou não à pena.⁴⁹

O trabalho com o blog dos avós foi uma atividade muito interessante e repleta de aprendizados. Ao trabalhar com o blog, obtive uma relação mais próxima com minha avó. Através das entrevistas realizadas, pude ouvir um pouco das histórias do passado, obtendo um conhecimento sobre como as coisas eram antigamente quando comparadas com a atualidade. Além disso, estar em contato com as histórias dos avós das colegas nos revelou fatos e conhecimentos diferentes e valiosos, principalmente da cultura italiana, que levaremos para toda a vida.⁵⁰

Segundo Le Goff (2013), a memória apresenta-se como um elemento essencial para o que se costuma chamar de identidade, seja ela individual seja coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade atual. A procura por uma prática pedagógica que favoreça o conhecimento e a compreensão das várias identidades que compõem a memória local é primordial no fazer do professor enquanto mediador diário de convivências que tecem aprendizagens pelas trocas que a sala de aula favorece. Nas aulas de História, essa prática deve ser reforçada pelo compromisso de se refletir sobre as ações que se estabelecem nas atividades humanas nas diferentes sociedades.

Os depoimentos das alunas reforçaram os objetivos pretendidos neste estudo, dando a certeza de que as novas metodologias, como as mídias de comunicação e a utilização de fontes que partem do cotidiano do aluno, precisam ter sua inserção no espaço escolar, principalmente nos cursos de formação, como os de magistério.

O projeto realizado sobre a história dos avós foi algo muito significativo para mim. Meus avós sempre me contaram muitas histórias da vida deles e eu ficava muito feliz em ouvir, pois sempre acabava rindo muito e imaginando como seria a minha vida no tempo deles. Quando surgiu a oportunidade de pôr as histórias deles no “papel” eu fiquei muito entusiasmada, pois se eu gostava tanto de ouvir as histórias deles imaginava que outras pessoas também gostariam. A experiência foi mais interessante ainda pelo fato de publicarmos as histórias em um blog. Eu particularmente sou inscrita em diversos blogs e já tive vontade de criar o meu (mas nunca tive coragem de pôr em prática) e quando eu pude manusear um blog, de ler publicações, publicar e comentar, eu fiquei apaixonada. Sem dúvidas esta ideia da Professora Izabel foi muito boa pelo fato dela trazer o passado, as recordações e a história para a atualidade de uma forma atraente para os jovens pois envolve a tecnologia. Fiquei feliz em publicar as histórias mas também de ler outras histórias que eu ainda não conhecia e perceber muitas semelhanças e diferenças na vida dos nossos familiares. Sem dúvidas foi uma forma de reconhecer como a vida das pessoas era sofrida, como os nossos avós se doavam, suavam para tirar o sustento da família e lutar para que os seus filhos tivessem um futuro melhor que os seus. Parabênzo a professora pela iniciativa e pelo

⁴⁹ Depoimento de C. F. aluna do 2º ano do Curso Normal.

⁵⁰ Depoimento de A. S. aluna do 3º ano do Curso Normal.

trabalho desenvolvido e apoio a continuação deste projeto integrando mais jovens no blog, para que eles também possam conhecer a história de seus antepassados e trocar informações valorizando todo o esforço que eles tiveram para que seus filhos e seus netos tivessem um futuro melhor.⁵¹

Todos os depoimentos representaram uma significativa importância para a avaliação da proposta; porém, o relato acima deixou uma marca muito positiva para este estudo, visto que a aluna está realizando seu estágio, neste primeiro semestre de 2015, em uma turma de 4º ano da rede municipal, tendo a possibilidade de multiplicar a proposta deste estudo.

Os meios digitais, que hoje estão cada vez mais atuantes no espaço social, necessitam também ser inseridos na sala de aula. Aliados às fontes históricas, esses meios auxiliam o professor a desenvolver uma metodologia de aprendizagem que mescla elementos escritos, como documentos históricos, que muitas vezes passam despercebidos aos olhos dos familiares, professores e alunos. A transposição de fontes a um material de mídia incentiva, assim, a inserção de práticas educativas que visem desenvolver a comunidade, a família e os alunos, que são agentes de manutenção da memória do espaço local. A potencialidade das fontes históricas está no estudo hermenêutico que realizamos a partir delas.

⁵¹ Depoimento de L. P. aluna do 3º ano do Curso Normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a problemática apresentada neste estudo, que foi encontrar possibilidades de inserir novos temas e potencializar o uso das fontes existentes no cotidiano no ensino da história local, na Educação Básica do município de Veranópolis, constata-se, primeiramente, a existência de uma historiografia já produzida sobre o município de Veranópolis a qual contém fontes que, dependendo do olhar debruçado sobre elas, tornam-se potenciais para o ensino da história local. Fontes como acervo fotográfico, relatos da vida cotidiana que nos dão a possibilidade explorar, junto aos alunos, temas silenciados pela história oficial.

Os questionários aplicados aos professores da rede municipal apontaram caminhos para que se identificasse, por meio dos dados obtidos, uma prática cotidiana com certa ausência de metodologias que elencassem o uso dessas fontes. Nas entrevistas, somente 17% dos professores consideravam essa prática em sua metodologia. A interação do uso de fontes ao uso da cultura digital, por intermédio das mídias de comunicação, também não foi identificada pela análise dos dados, pois ninguém (0%) escolheu o uso de blog como ferramenta didática. Sendo assim, os dados apontaram caminhos, com subsídios suficientes, para empreender a introdução de um novo olhar sobre as fontes já existentes, a partir da construção de uma mídia de comunicação – o blog – como aliada à exploração das fontes históricas sobre o município.

A construção do blog, como proposta de prática metodológica aplicada, inicialmente, para as alunas do curso Normal, estudantes dos 2º e 3º anos, do colégio Regina Coeli, dentro da disciplina de Didática da História e Geografia, levou em consideração a importância de introduzir, nesse curso de formação de novos professores, propostas de novas ferramentas de ensino para a exploração de fontes potenciais que possuímos para o ensino da história local. Trabalhar testemunhos que envolvam as construções representativas de gênero, as de trabalho, família e do cotidiano resultaram em uma possibilidade para exploração temática que partiu das vivências dos relatos, o que possibilitou o envolvimento com a aprendizagem de forma mais comprometedora, dinâmica e significativa para os sujeitos envolvidos.

Mediante a aplicação dos questionários, constatamos que a prática da grande parte dos professores da rede municipal ainda versa sobre uma aprendizagem de cunho tradicional, a qual o aluno pouco entra em contato com fontes que não sejam as pré-determinadas no currículo (como passeio a pontos turísticos, Semana do Museu, e outras.). Não que essas atividades não tenham importância, mas tanto no centro da cidade, como em seus arredores, a riqueza de fontes

e o patrimônio histórico são pouco elencados no currículo, o que representa uma lacuna na aprendizagem do aluno quanto à história local e sua memória.

A análise acima se sustentou nos dados de que 43% dos professores entrevistados estão entre oito a 15 anos de atuação, e 67% representam os professores que estão atuando durante um a cinco anos no 4º ano (série que elenca no currículo o ensino de história local). Os professores que estão em final de carreira representam apenas 14% (mais de 31 anos de atuação na rede municipal) e 11% entre 16 e 20 anos de atuação no 4º ano. A parcela dos que estão em início de carreira representa um número significativo e a representação das práticas que desenvolvem em sala de aula, reforçam a necessidade de introduzir metodologias que façam o uso de fontes provenientes do cotidiano do aluno.

Frente a esses dados, a análise do estudo desvelou um possível caminho: inicialmente, investir na formação dessas alunas do curso Normal, que logo estarão desenvolvendo um trabalho direto com os alunos do ensino básico, visto que a formação solicitada para atuar nessa série exige magistério ou o curso de Pedagogia (conforme legislação vigente). Reforçando essa questão, os dados obtidos pelo questionário apresentaram um percentual de 57% de professores que não possuem graduação na área de História e estão atuando como professores no 4º ano, de acordo com o gráfico que está no Apêndice A.

Assim, sentiu-se a necessidade de trabalhar com as alunas possibilidades de introduzir nos saberes escolares, mais precisamente nas práticas de ensino de história local, uma metodologia que fizesse uso de fontes cotidianas, aliadas à tecnologia digital, cuja aprendizagem consiga impregnar de significados os relatos que fazem parte dos acontecimentos individuais e coletivos, a partir da história oral, e posteriores relatos escritos, das memórias dos avós.

A interação do passado e presente possibilitada pelos relatos coletados deram voz e dinamismo a muitos personagens, fatos e características da cidade. A construção e a utilização do blog como linguagem de comunicação trouxe à tona desdobramentos temáticos que orientaram as análises: questões de gênero, cotidiano, trabalho, família e educação. Sua construção somou positivamente para o processo de reelaboração de conceitos e na construção de novos olhares possíveis, na reelaboração do conhecimento no ensino de história local.

A imersão das alunas do curso Normal, no universo das mídias de comunicação, aliada a uma metodologia para o ensino de história local, possibilitou que a utilizassem na construção a interação pessoal, por meio da escuta e da elaboração de uma escrita memorial, como narrativa individual, para compartilhar coletivamente no blog. Essa interação não permitiu somente a

exploração da área cognitiva das alunas, mas, a partir das memórias, a proposta possibilitou a aproximação dos tempos geracionais, a afetividade, instigando nessas futuras professoras a percepção da importância de se manterem vivas as histórias e as vivências de pessoas que ajudaram a constituí-las enquanto sujeitos históricos, conferindo-lhes uma identidade pessoal que se funde com a identidade social de um local. Identidade esta que se reelabora a partir das memórias, individuais e coletivas.

Os relatos dos avós, registrados no blog, pelas alunas, possibilitou que as práticas estendessem-se e as fontes e acervos pessoais, tornassem-se objeto de análise, tendo sua inserção no espaço da sala de aula. As entrevistas e os relatos aguçaram nosso olhar para a introdução de práticas metodológicas que levassem em conta a análise de fontes iconográficas, a fim de que o aluno direcionasse o olhar para a identificação das permanências e discontinuidades que a sua leitura possibilita. Do olhar do aluno nasce uma rede de relações permitida pela leitura que a introdução das diferentes linguagens proporciona em seu universo. As relações construídas possibilitam que o aluno volte seu olhar para a compreensão dos diferentes tempos históricos que se encontram, produto resultante das raízes que compõem a história local.

Os meios digitais, aliados às práticas pedagógicas, auxiliam potencialmente o professor para o desenvolvimento de uma metodologia dinâmica de exploração e análise das fontes históricas. Desenvolver possibilidades de aprendizagem, mesclando elementos escritos com o blog, incentivou de forma significativa a inserção de práticas educativas, envolvendo comunidade, família e alunos. Salientamos, neste estudo, a importância de se direcionar o olhar do professor para a importância que representam as fontes familiares, sejam elas em forma de documentos escritos sejam transmitidas por intermédio da oralidade. Delas emergem possibilidades de análise que se tornam potencialmente eficazes na significação da história local. Muitas vezes, essas fontes passam despercebidas pelos professores e familiares, privando o aluno de ter a oportunidade do contato com elas e, até mesmo, não tendo a possibilidade de alfabetizar seu olhar para sua leitura.

Assim, possibilitar práticas pedagógicas que contemplem o desenvolvimento do olhar do aluno requer persistência do professor. É consabido que o caminho é recheado de altos e baixos. Os meios de comunicação digital ainda estão adentrando no âmbito escolar a passos lentos, portanto as possibilidades, quando apresentadas aos professores e aos alunos, devem ser orientadas com cautela e sensibilidade. Salientamos aqui a importância de oferecer aos professores meios para que explorem as fontes existentes sobre a história local.

No início deste estudo, analisamos as fontes historiográficas do município de Veranópolis, bem como sua utilização pelo grupo de professores contemplado no cenário do questionário. Durante essa caminhada de estudos, muitas reflexões acerca do objeto de estudo e suas implicações foram sendo construídas e, junto delas, a de que não devemos nos ater em discursos homogeneizadores e estereotipados de que o professor não deseja aprender. A análise permitiu perceber que, se existem lacunas nos métodos de ensino, há também professores dispostos a supri-las, por meio de estudos e de aperfeiçoamento. O desconhecimento de meios e a falta de orientação na área faz muitos recaírem em práticas tradicionais.

As tecnologias necessitam ser introduzidas em sala de aula, mas é preciso ter presente que elas representam um meio, não um fim. O professor deve estar aberto às novas experiências e, com o conhecimento de que é preciso aliar essa ferramenta com práticas que possam elencar o uso de fontes potenciais para o ensino de história local, fontes que estão, acessíveis, porém os mestres não possuem um olhar aguçado para o uso e a compreensão de que forma as construções históricas tecem suas memórias identitárias. É preciso direcionar o olhar do aluno, e do professor, para a leitura das ausências que as imagens e as ruas da cidade possibilitam. É preciso valorizar o que o cotidiano conta-nos por intermédio de sua paisagem, nas continuidades e rupturas que acompanham o processo histórico.

Para colocar em prática novas experiências, é preciso, antes de tudo, vivenciá-las anteriormente para que sejam compreendida e explorada a sua importância. Do que adianta as famílias conservarem a memória por meio de fotos, diários, receitas, se a escola não possui um profissional da educação que tenha vivenciado essa experiência? O estudo possibilitou que as alunas do curso Normal experimentassem essa vivência, como forma de colocá-la em prática no espaço da sala de aula.

Diante disso, surge uma indagação: a formação no ensino superior promove essas vivências? Em que medida os acadêmicos são preparados ou vivenciam no currículo práticas docentes que os façam perceber a importância de se trabalhar o uso das fontes para o ensino de história local? “Talvez se tenha esquecido que o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina. [...] Talvez se descuidou da necessidade de criar dispositivos de autoformação cooperativa, que rompessem com a cultura do isolamento e autossuficiência que ainda prevalecem em nossas escolas” (PACHECO, 2014, p.10).

Não foi objeto deste estudo falar da formação de professores, talvez esses questionamentos passem a ser meu objeto de análise no doutorado, mas as questões ficam como reflexão. Tendo em vista a problemática inicial, a análise faz-se pertinente visto a importância

que as fontes históricas silenciadas representam para a construção da memória e da pluralidade de identidades da história local.

As fontes cotidianas, inseridas no âmbito da sala de aula, porém, por vezes silenciadas, podem trazer à tona a memória, por intermédio dos relatos e das vivências familiares, as representações simbólicas que contribuíram para a construção identitária dos sujeitos em seus contextos sociais e culturais, mantendo vivo o interesse quanto a essa complexa relação.

Enfim, por ser a temática abordada um objeto de estudo em constante construção, não tive a pretensão de esgotar o tema, mas espero que tenha sido possível contribuir para suscitar novas práticas sobre os olhares destinados às fontes existentes sobre o município de Veranópolis, dando significado aos estudos sobre a história local.

REFERÊNCIAS

- ABRUZZI, Agenor. Veranópolis: das raízes ao centenário. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOSCHÉLIA, Roseli. O território escolar como espaço de construção de memórias e identidades. In: DE NIPOTI, Cláudio; PIERONI, Geraldo (Org.). **Saberes brasileiros: ensaios sobre identidades: séculos XVI a XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALDAROLA, Gabriel. **Herramientas para enseñar historia reciente**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Flávio Antônio. **Multiculturalismo: diferenças e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino da história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARETTO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad & PAPERJ, 2007.
- COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.
- DAL PAI, Cristiano Valduga; TOMASETTO, Ana Isabel Dal Pai. Trajetória da família Dal Pai. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.
- DERY, Marc. Desconstruir a memória comunitária. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE ALFREDO CHAVES. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1987.

FARINA, Geraldo. **História de Veranópolis**. Veranópolis: SMEC, 1992.

FERNANDES, Astrogildo. Estatuária veranense. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FRACASSO, Altania Maria Bragagnolo Fracasso; FRACASSO, Letícia. Famílias veranenses: trabalho e desenvolvimento família Bragagnolo. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Fragmentos de ontem na ótica de hoje: caminhos compartilhados. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

GALEANO, Eduardo H. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria ; GASPARETTO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad & PAPERJ, 2007.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; PEREIRA, Nilton. Abordagem temática no ensino da história. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel et al. **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Est: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Educação patrimonial. In: BATISTELLA (Org.). **Patrimônio, memória e poder**. Passo Fundo: Méritos, 2011.

HUBERMAM, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, António et al. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documentos e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 38, p.125-138. 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

LEMOS, André. LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio**. Caxias do Sul: Maneco Livraria e Editora, 2004.

MARTINS, Marcos Lobato. História regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARZANO, Stefano. Memória: entre experiência vivida e Genius Loci. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MENEZES, Leila Medeiros de; SILVA, Maria Fátima de Souza. Ensinando nas séries iniciais: alfabetizando o olhar. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARETTO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad & PAPERJ, 2007.

MARZANO, Stefano. Memória: entre a experiência vivida e os Genius Loci. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: departamento História da PUC/SP. São Paulo, 1993.

NÓVOA, António et al. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, António. **Educação 2021: para uma história do futuro**, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199>. Acesso em: 20 jun. 2015.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação e histórias de vida: usos da história oral**. 2005.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PELEGRINI, Sandra. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. In: **Fragmentos de Cultura**, v.14, n.9, p.1595-1604, Goiânia: IFITEG, 2004.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3 (1989). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 30 out. 2013.

PUFAL, Diego de Leão. A história de um imigrante polonês em Veranópolis. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

RELA, Eliana et al . **Tecnologias da informação e comunicação**: aprendizagem por projetos interdisciplinares, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/interdisciplinaridade_sieduca_eliana_rela.pdf> Acesso em: 23 jun. 2013.

_____. O currículo da história ensinada: entre permanências e mudanças. In: OLIVEIRA, Giovana Mendes de; RELA, Eliana. **Geografia e história**: espaço, tempo e relações sociais. Caxias do Sul: UCS NEAD, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RUBINSTEIN, Willian D. História e história amadora. In: LAMBERT, Peter. SCHOFIELD, Phillip. **História**: introdução ao ensino e à prática. Porto Alegre: ARTMED, 2011, p. 307-318.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. (Org.) SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevan de Rezende. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino da história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARETTO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad & PAPERJ, 2007.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Memória e história das disciplinas escolares: possibilidades de uma aproximação. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

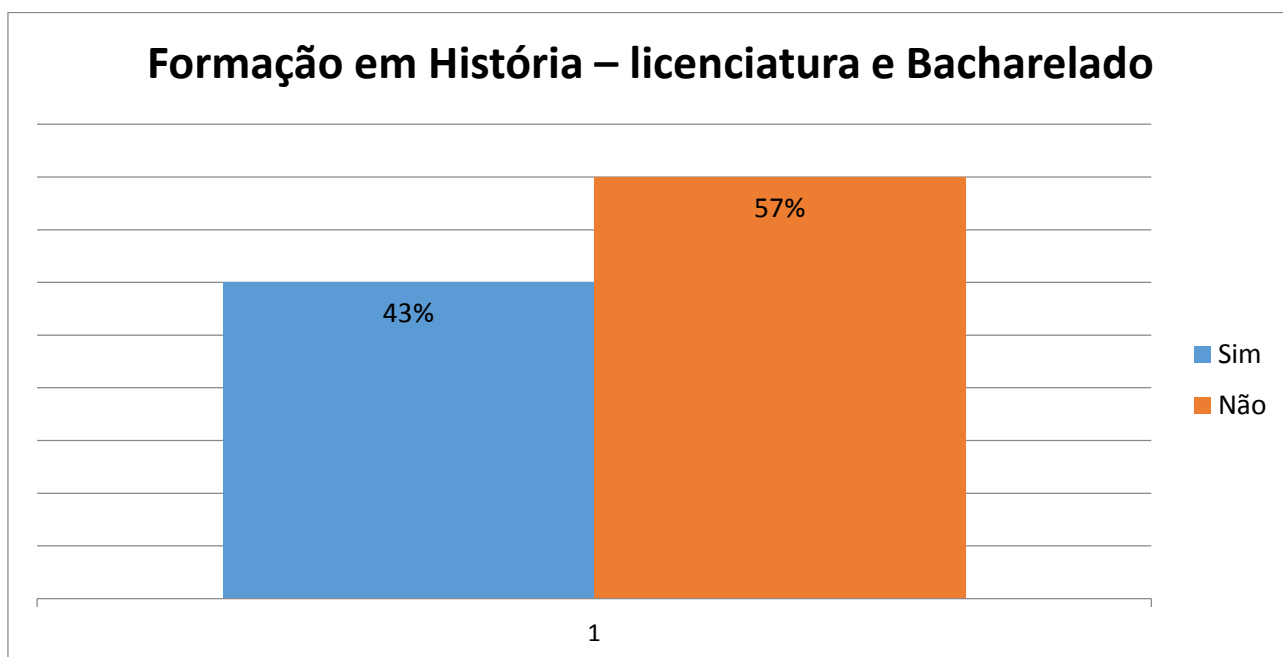
SANTAELLA, Lucia. Leitura de imagens. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.29, n. 03, p.335-344, set. 2013.

STEYER. Fábio Augusto. Uma interpretação antropológica das inscrições tumulares nos cemitérios de Cotiporã, Nova Prata e Veranópolis. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

VATTIMO. Gianni. A memória, cofre do ser. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIRILIO, Paul. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana, comunidades e comunicações na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

APÊNDICE A: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA



APÊNDICE B: ENTREVISTA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE VERANÓPOLIS

Dados de identificação

Escola: _____

Série: _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na série atual: _____

Ensino:

Qual o seu entendimento de história local?

Quais os conteúdos trabalhados sobre a história do município?

Você encontra material sobre o município, de fácil acesso, que torna possível o trabalho em sala de aula? Se sim, quais?

Se não, quais os que gostaria de encontrar?

Metodologia:

Você costuma usar, ou solicitar aos seus alunos:

[...] cartas

[...] diários

[...] jornais

[...] fotos

[...] pesquisa com moradores sobre o município

[...] objetos familiares

[...] relatos familiares

[...] documentos escritos (ex.: xerox da certidão de nascimento, identidade)

Você costuma montar textos utilizando como referências as publicações sobre o município: “História de Veranópolis”, “Raízes de Veranópolis”?

Você costuma fazer visitas de estudos aos espaços de memória da cidade como:

[...] Museu

[...] Casa da Cultura

Você costuma trabalhar com exercícios de observações de lugares como a praça e seus entornos como espaços de preservação de memória?

[...] Sim

[...] Não

Se sim, como?

Se não, por quê?

Ao realizar passeios *in loco* nos pontos turísticos, os lugares são motivos de ampliação de estudos em sala de aula?

De acordo com a resposta dada à questão acima, em caso afirmativo, o que você propõe como ampliação para o enriquecimento desse estudo?

Se você tivesse a oportunidade de escolher um material digital como suporte paradidático, qual destes materiais seria, em sua opinião, mais bem aproveitado em sala de aula?

[...] Cd com conteúdo histórico e opções de fontes históricas.

[...] Blog com conteúdo histórico, com opção de trabalhos e fontes históricas.

[...] Site com conteúdo histórico, com opções de trabalhos e fontes históricas.

Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE C: PRINT DO BLOG MEMÓRIAS COMPARTILHADAS, HISTÓRIAS DOS AVÓS



The image is a screenshot of a web browser displaying a Blogger blog page. The browser's address bar shows the URL: `memoriascompartilhadahistoriaavos.blogspot.com.br/2014_06_22_archive.html`. The browser's taskbar at the top lists several open tabs, including 'Literatura em ação...', 'Trabalhos Acadêmic...', 'portal.mec.gov.br/s...', 'Pierre Lévy: conceit...', 'cartografiaescolar20...', 'raphaelsamuel.pdf', and 'www.campus12.une...'. The browser's search bar contains the text 'mais Próximo blog»' and the user's email 'izadurti86@gmail.com' is visible in the top right corner.

The main content of the page features a large, stylized title: **Memórias Compartilhadas - História dos Avós**. Below the title, there is a paragraph of text:

O blog Memórias Compartilhadas faz parte de um Projeto sobre as histórias de vida dos avós das estudantes do Curso Normal da Escola Regina Coeli, do município de Veranópolis.

The page is decorated with two vintage-style photographs. The left photograph shows an elderly man in a light-colored suit and tie standing next to an elderly woman in a patterned top and a light-colored skirt. The right photograph shows three young women standing outdoors in front of a wooden building, dressed in mid-20th-century fashion.

At the bottom of the screenshot, the Windows taskbar is visible, showing the Start button and the Internet Explorer icon. In the bottom right corner, a system tray displays the time 'POR 20:27' and the date 'PTB2 25/07/2015'.

APÊNDICE D: COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS

The image shows a screenshot of a web browser displaying a Blogger blog post. The browser's address bar shows the URL: memoriascompartilhadahistoriaavos.blogspot.com.br/2014_06_22_archive.html. The browser's taskbar at the bottom shows the Windows logo and the Internet Explorer icon. The system tray in the bottom right corner displays the language 'POR', the time '20:32', and the date '25/07/2015'.

The blog post itself has a title 'COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS' in a stylized, hand-drawn font. Below the title, there is a greeting 'Olá meninas!' and a paragraph of text. The text discusses the significance of sharing memories and mentions a weekly theme. A quote by Paulo Freire is included. The post is attributed to 'Memórias Compartilhadas' and has a comment count of 'Um comentário:'. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, and Google+ are visible. On the right side of the page, there is a sidebar with a 'Google+ Followers' section and an 'Arquivo do blog' (Blog Archive) section listing dates and post counts.

COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS

...

Olá meninas!

Registrar memórias é sempre um ato significativo, pois nos remete a recordações e lembranças de nosso passado, e do passado de pessoas queridas que fazem parte do nosso cotidiano. Convido a vocês, alunas, que juntamente com seus avós, enriqueçam este espaço com relatos de passagens de vida que marcaram sua história. Cada semana estaremos propondo um tema diferente para relembrar, tentando, desta forma, manter viva as histórias de vida de quem ajudou a nos constituir enquanto pessoas.

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós [...] (FREIRE, 1992, p.33).

Postado por Memórias Compartilhadas às 14:27 Um comentário:

Recomende isto no Google

Memórias Compartilhadas

"A gente tem tantas memórias. Eu fico pensando se o mais difícil no

Arquivo do blog

Google+ Followers

10/05 (1)
09/28 (6)
09/21 (3)
09/14 (3)
09/07 (7)
08/31 (5)
08/24 (8)
08/17 (9)
08/10 (5)
07/27 (1)
07/13 (6)
07/06 (9)
06/22 (1)

APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, CPF nº _____ **autorizo** veicular minha imagem, fotos e depoimentos no Blog do Projeto: *Memórias compartilhadas, história dos avós*, do Colégio Regina Coeli para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Veranópolis, _____ de _____ 2014.

Ass. _____